
BOLETIM 3X22

1822

1922

2022

Quilombismos



ANO 2

Nº5

*“Me dê a mão
Junte-se à minha voz
Que meu quilombo de hoje
É igual aos quilombos do passado
É quilombos de todos os oprimidos
É quilombos de todos os explorados
É quilombos aonde todos são bem-vindos
É quilombos de todos nós”*

Trecho de *Minha Luta*, de Carlos de Assumpção.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor Vahan Agopyan
Vice-Reitor Antonio Carlos Hernandes



PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Pró-Reitora Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

Pró-Reitora Adjunta Margarida Maria Krohling Kunsch

COORDENADOR

Alexandre Macchione Saes

EQUIPE 3 VEZES 22

Ana Tiecher, Bruna Martins,
Franklin Pontes, Giovane Direnzi,
Lucas Fernandes, Norberto de Assis,
Rafael Pedro e Stephany Barbosa

CURADORIA

Lucas Fernandes e Rafael Pedro

DIREÇÃO DE ARTE

Giovane Direnzi, Norberto de Assis e
Rafael Pedro

TRANSCRIÇÃO

Bruna Martins, Franklin Pontes, Lucas
Fernandes e Rafael Pedro

CAPA

Giovane Direnzi, Norberto de Assis e
Rafael Pedro

ARTE E ILUSTRAÇÃO

Giovane Direnzi, Norberto de Assis e
Rafael Pedro

DIAGRAMAÇÃO

Giovane Direnzi e Norberto de Assis

LINHA DO TEMPO

Ana Tiecher e Stephany Barbosa

REVISÃO

Bruna Martins, Franklin Pontes e
Giovane Direnzi

AGRADECIMENTOS

Alexandre Silva de Santana
Alexsandro de Sousa e Silva
Atilon da Silva Matos Silva
Bel Santos Mayer
Bruno Sant'ana
Cláudia Rosalina Adão
Izabela Costa
José Fernando Azevedo
Linn da Quebrada
Luana Ortiz Silva
Maria Clara dos Santos Oliveira
Mário Augusto Medeiros da Silva
Rosana Paulino
Thiago Torres

O **BOLETIM 3X22**, enquanto canal de comunicação do PROJETO 3 VEZES 22, pretende difundir suas reflexões acerca da história, cultura e produção artística do Brasil, passando principalmente pelos períodos da Independência e do Modernismo para, a partir daí, pensar sobre os dias atuais e o futuro do país. As opiniões expressas nos textos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

Todo material incluído nesta revista tem a autorização dos autores ou de seus representantes legais. Qualquer parte dos textos da publicação pode ser reproduzida, desde que citados autor e fonte.

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin:

Rua da Biblioteca, 21, Cidade Universitária, São Paulo, SP CEP 05508-065

bbm.usp.br/publicacoes EMAIL bbm@usp.br TEL: 11 2648-0310 / 11 3091 - 1154

setembro 2020

BOLETIM 3X22

1822

1922

2022

Quilombismos

Até o presente momento, em dois anos de história e com quatro edições publicadas, os Boletins omitiram, ocultaram ou olvidaram da colaboração de professoras(es), pesquisadoras(es) e estudantes negras(os). E mesmo nessa edição voltada à negritude, brancos são os únicos indicados, recomendados e mencionados. O racismo, e daí sua perigosíssima configuração, está nas ações cotidianas e passa despercebido, a despeito de suas escancaradas chagas. É um elefante na sala que sentou-se pesado e confortavelmente no colo desse país chamado Brasil. E por falar em elefante, grande trucidante elefante, e pai desse racismo estrutural em voga, foi o regime escravocrata que transformou seres humanos em mão de obra da colônia aos dias de hoje, idosos, crianças, homens e mulheres pretas(os), ninguém escapou de sua pesada estrutura. Corpos pretos cuidando dos engenhos, das fábricas, casas senhoriais, dos apartamentos de luxo, dos sinhozinhos e sinhazinhas, dos filhos e filhas, da colheita, da alimentação e da segurança dos (poucos) habitantes dessa sala. Mas essa história já é figurinha repetida para ativistas pretas.

A Academia Brasileira, entendida como formadora, mantenedora e precursora da ciência, inclusive a aqui formada na Universidade de São Paulo, é reflexo de um antigo e conhecido projeto de exclusão material e intelectual das produções negras. Em âmbito acadêmico, por muitos anos, embranqueceu-se diversas personalidades, a fim de dar-lhes legitimidade, como Machado de Assis, e louvou-se racistas, como Gilberto Freyre e Monteiro Lobato. Vale lembrar aqui o doloroso processo de adesão das cotas raciais nas Universidades públicas, sendo a USP a última das grandes instituições a aderir ao regime de cotas para pretos, pardos e indígenas, apesar de ter sido berço de grandes discussões. Situação conflituosa até hoje.

Na tentativa e ânsia de romper com essas velhas lógicas de (re)produção, esta quinta edição, produzida com a colaboração massivamente preta, discute os Quilombismos do mestre Abdias do Nascimento. Baseado nas primeiras experiências de liberdade pós-dominação colonial nas Américas, propomos um legado de mobilização política com base na sua própria experiência histórica e cultural do povo afro-brasileiro, articulando uma proposta multiétnica e pluricultural para o Brasil. Para tal, os Quilombismos evocam as figuras de Exu e Ogum. O primeiro é aquele que dinamiza a vida e a luta do povo negro, simboliza o princípio da comunicação e da contradição dialética, é o portador do axé. O segundo, é aquele que executa a Lei, representa a luta e a vitória, desbravador das fronteiras cósmicas, duro e justiceiro.

Surgimento dos primeiros Quilombos

A edição costura quatro eixos temáticos, mas longe de ter passagens truncadamente demarcadas, o aglutinado de textos e imagens fluem de um ponto ao outro de forma manante e orgânica, tal como uma colcha de retalhos. Vale lembrar que as entrevistadas e entrevistados surgiram por um processo também natural e fluído, não sendo fixadas(os) ou formatadas(os) à priori. Uma linha do tempo perpassa todo o boletim com fatos significativos ocorridos ao longo dos quase quatrocentos anos de escravidão até os dias de hoje, pois como nos ensinou Beatriz Nascimento, a invisibilidade está na raiz da perda da identidade. Para combater o esquecimento e a marginalização é preciso tornar-se visível. Desse modo, os fios da história, do presente e do futuro pulsam vividamente em prontidão, ávidos de serem lidos e transformados através de um processo colaborativo e pujante, tal como esta edição se apresenta.

Desse modo, bordando histórias, o Prof. Dr. Mário Augusto Medeiros da Silva (IFCH/UNICAMP) discute a formação e a potência das Literaturas negras e periféricas. A artista e Profa. Dra. Rosana Paulino, em entrevista, questiona os tensionamentos entre Arte e História. Outras formas de teatralização são tema da conversa com o dramaturgo Prof. Dr. José Fernando Peixoto de Azevedo (ECA/USP). Alinhavando o segundo eixo, Maria Clara dos Santos Oliveira (ISS/UNIFESP) reflete sobre as contribuições de Frantz Fanon para a saúde mental. Luana Ortiz Silva (FFLCH/USP) aponta a necessidade de se discutir a branquitude. Cláudia Rosalina Adão (FAU/USP) mostra a relação entre cidade, extermínio e segregação urbana e racial. A crônica *Entre Negras Pupilas*, de Lucas Fernandes (FFLCH/USP), entrelaça a investigação final sobre as narrativas do presente. O terceiro bloco ourela a educação na construção do futuro. O estudante de Ciências Sociais e YouTuber Thiago Torres (FFLCH/USP), mais conhecido como o Chavoso da USP, discorre sobre a dita universalidade do acesso ao ensino público superior. A educadora social Bel Mayer (IBEAC) relata o trabalho desenvolvido pelo seu projeto e evidencia o papel fundamental da leitura. A representatividade e suas (in) visibilidades chuleia o quarto e último bloco. Prof. Alexandro de Sousa e Silva (FFLCH/USP), doutorando em História, faz um breve panorama no audiovisual brasileiro. A plataforma Lista Preta conversa sobre a referência preta na cultura pop. Em arremate, a filha das travas e obra das trevas, Linn da Quebrada, que é cantora, atriz, apresentadora e performer, reflete sobre novas formas de ligação, lirismo e libertação através de novas e velhas linguagens, línguas e literaturas.

Como diz a música, “é preciso estar atento e forte”, principalmente em momentos tão delicados no qual estamos vivendo. Esse esforço de produzir críticas e possíveis dias melhores, portanto, fazem-se inteiramente legítimos e necessários. Boa leitura.

Lucas Fernandes e Rafael Pedro

1717

Culto a Nossa Senhora de Aparecida,
padroeira do Brasil, considerada protetora dos negros

*Após ter com sacrifício enorme ajudado a construir
Esta casa chamada Brasil
O que mais me dói e revolta
É que uma vez pronta a casa
Vocês me jogaram no meio da rua sem nada
E trancaram todas as portas
Mas amanhã quando o galo cantar
Todas as portas se abrirão
Ou ponho elas todas no chão*

Quando o galo cantar, Carlos de Assumpção

| | |
|--|----|
| QUILOMBISMOS..... | 07 |
| BORDANDO HISTÓRIAS..... | 09 |
| LITERATURAS NEGRAS E PERIFÉRICAS, ENTREVISTA COM MÁRIO AUGUSTO MEDEIROS DA SILVA..... | 11 |
| ARTE E HISTÓRIA, ENTREVISTA COM ROSANA PAULINO..... | 18 |
| POR UMA OUTRA TEATRALIZAÇÃO, ENTREVISTA COM JOSÉ FERNANDO PEIXOTO..... | 26 |
| NARRANDO O PRESENTE..... | 33 |
| AS MÁSCARAS BRANCAS DO SOFRIMENTO PSÍQUICO: CONTRIBUIÇÕES DE FRANZ FANON PARA A SAÚDE MENTAL, POR MARIA CLARA DOS SANTOS OLIVEIRA..... | 35 |
| É NECESSÁRIO FALAR SOBRE BRANQUITUDE, POR LUANA ORTIZ SILVA..... | 40 |
| ESCREVENDO NA PRÓPRIA CARNE: CIDADE, EXTERMÍNIO E SEGREGAÇÃO URBANA E RACIAL, POR CLAUDIA ROSALINA ADÃO..... | 45 |
| ENTRE NEGRAS PUPILAS, POR LUCAS FERNANDES..... | 55 |
| CONSTRUINDO UM FUTURO..... | 59 |
| TENTÁCULOS LITERÁRIOS, ENTREVISTA COM BEL MAYER..... | 61 |
| A UNIVERSIDADE PÚBLICA É PARA TODOS E OUTROS CONTOS DE HUMOR, ENTREVISTA COM THIAGO TORRES..... | 72 |
| (IN)VISIBILIDADES..... | 77 |
| A NEGRITUDE EM TELA, POR ALEXSANDRO DE SOUSA E SILVA..... | 79 |
| A REFERÊNCIA PRETA NA CULTURA POP, ENTREVISTA COM LISTA PRETA..... | 86 |
| LINGUAGENS, LÍNGUAS E LITERATURAS:NOVAS FORMAS DE LIGAÇÃO, LIRISMO E LIBERTAÇÃO (?), ENTREVISTA COM LINN DA QUEBRADA..... | 89 |

Q

U

I

L

O

M





B I S M O S



Bordando

Histórias

Arte: Blaeu, Willem Janszoon, 1571-1638. "Africae nova descriptio." Copperplate carte à figures map, with added color, 35 x 45 cm



Nasce Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, escultor, entalhador e arquiteto

Literaturas Negras e Periféricas

COM MÁRIO AUGUSTO MEDEIROS DA SILVA

Mário Augusto: Sou Mário Augusto Medeiros da Silva, sociólogo e escritor. Professor do Departamento de Sociologia da Unicamp. Autor de artigos e capítulos de livros sobre o pensamento social brasileiro, intelectuais negros, associativismo negro, memória social e circulação de ideias. Meus livros em sociologia são: *Os Escritores da Guerrilha Urbana: literatura de testemunho, ambivalência e transição política, 1977-1984* (Annablume/Fapesp, 2008); *A Descoberta do Insólito: literatura negra e literatura marginal periférica no Brasil, 1960- 2000* (Aeroplano, 2013); *Polifonias Marginais: entrevistas* (Aeroplano, 2015, co-organizado com Lucía Tennina, Érica Peçanha e Ingrid Hapke); *Rumos do Sul: periferia e pensamento social* (Alameda/Fapesp, 2018, co-organizado com Mariana Chaguri). Em literatura, publiquei o livro de contos *Gosto de Amora* (Malê, 2019) e será publicado em 2020 *Numa esquina do mundo* (Kapulana, contos).

3X22: O seu livro “A descoberta do insólito” apresenta a biografia e a realidade dos processos de circulação das obras de autores negros de regiões periféricas. Além de trazer luz ao caminho que os escritores negros percorriam para serem publicados, como o autofinanciamento, outro comentário foi feito sobre o conteúdo de suas obras após um primeiro livro “bem-sucedido”: que esses escritores viveriam uma espécie de prisão identitária, onde não pudessem escrever sobre outros as-

suntos a não ser sua realidade material. E a crítica literária se repetiria no fato de que eles são negros e periféricos, mas não fariam uma análise estilística da obra; o foco é o insólito. Você acredita que por esse motivo ainda temos mais antropólogos do que críticos literários interessados em estudar as obras literárias de autores negros e periféricos?

M.A.: Eu acredito que o cenário da pesquisa sobre literatura negra no Brasil é diferente de quando eu realizei minha pesquisa de doutorado, en-

Uma das primeiras revoltas que abordavam a abolição da escravidão, a Revolta dos Alfaiates, também conhecida como Conjuração Baiana.

tre 2006 e 2011, que foi publicada no livro *A descoberta do Insólito*. Ali eu demonstro que uma parte importante da pesquisa sobre literatura de autoria negra, visando entender ideias sobre o que seria a literatura negra brasileira, foi sim majoritariamente produzida por pesquisadores e pesquisadoras das Ciências Sociais e da História. Isso tem a ver com uma longa tradição de pesquisas de disciplinas como Sociologia, Antropologia e História, no Brasil, com relação a aspectos variados do mundo negro, afro-brasileiro, sobre o racismo e o antirracismo em nosso país. Além disso, se a minha hipótese estiver correta, durante muito tempo a produção literária negra brasileira esteve também atrelada ao mundo de associações negras, como jornais da imprensa negra, associações políticas e culturais etc, ou ainda ligada a diferentes ativismos contra o racismo. Nesta lista você pode colocar os jornais da imprensa negra paulista, carioca, baiana, gaúcha; a Frente Negra Brasileira (1931-1937), jornais paulistas como O Clarim D'Alvorada, Getulino; o Teatro Experimental do Negro, criado por Abdias Nascimento; os Cadernos Negros, a partir de 1978, com Cuti, Oswaldo de Camargo; ou ainda o coletivo Quilombhoje, que se responsabiliza pela publicação dos Cadernos Negros desde 1982; o Grupo Palmares, do poeta Oliveira Silveira, no RS, nos anos 1970; ou os coletivos de escritores periféricos/

marginais dos anos 2000, em torno de saraus ou revistas como Caros Amigos/Literatura Marginal (editadas por Ferréz), Sarau da Cooperifa, do Binho, Elo da Corrente e muitos outros. Isso chamou a atenção dos sociólogos e historiadores, e nessa lista eu me incluo. Contudo, este cenário vem mudando paulatinamente desde os anos 1980, com pesquisas, no campo da crítica literária e teatral, como as de Lígia Fonseca, David Brookshaw, Zilá Bernd, Leda Martins, Miriam Garcia Mendes; e com enorme intensidade nos últimos anos, com os trabalhos de Florentina de Souza, Regina Dalcastagné, Eduardo Assis Duarte, Luiz Henrique Silva de Oliveira, Fernanda Miranda, dentre muitos outros colegas desta área de estudos. Também é um movimento semelhante com o que aconteceu entre nós, desde o final dos anos 1970 em diante, com a recepção crítica das literaturas africanas lusófonas (inicialmente por cientistas sociais e historiadores, na sequência, por críticos literários). Isso é ótimo, porque embora os cientistas sociais e historiadores tenham sido pioneiros no trato e o fizeram com muita sensibilidade e compromisso de solidariedade, muitas vezes, com aqueles intelectuais negros e negras, estamos falando de produção literária. E do desejo dos escritores negros e negras em serem lidos e criticados pela crítica literária especializada também, com o mer-

1809

gulho em suas obras fazendo uso das ferramentas que a crítica proporciona. Atualmente há uma enorme quantidade de dissertações e teses, trabalhos de conclusão de curso, monografias sobre escritores negros e escritoras negras brasileiras, em visadas variadas, produzidas em cursos de graduação e programas de pós-graduação em Letras. Bem diferente de pouco mais de uma década atrás.

3X22: No campo da crítica literária é recomendado que a biografia não seja usada para a análise da obra, contudo parece haver uma exacerbção da relevância da biografia do autor quando ele é negro. Por vezes se faz um colamento quase que completo quando se fala em autor negro e personagem negro, sendo que quando há a dinâmica autor branco e personagem negro, não se busca explorar se nas ironias e estereótipos há uma crítica ou um preconceito do autor. Isso também seria um produto do insólito na literatura? Você acha que, com o aumento de estudantes negros nas universidades, haveria um movimento de superação da fase do espanto a partir da qual se exploraria a riqueza de estilos e reflexões contidas nas obras de autores negros?

M.A.: Esta pergunta é muito pertinente e vai ao encontro da ironia presente no título do meu livro, *A descoberta do insólito*. Por que seria insólita, es-

tranha, incomum, entre nós, a descoberta de escritoras e escritores negros, se a história literária brasileira é plena deles? É possível pensarmos nossa história literária moderna e de circulação internacional, desde o século XIX, sem Machado de Assis? Sem os personagens negros que povoam nossos romances, contos, peças teatrais? Ela vira uma história literária esburacada. Pensemos no nosso teatro de costumes ou de revista; na literatura modernista paulista de 1922 e nos modernismos variados no Brasil; nos denominados Ciclos da Cana-de-Açúcar, Ciclo do Cacau; nos regionalismos literários de norte ao sul; na ficção urbana, literatura policial, dramaturgia e cinema brasileiro etc. Sem nós, os negros, como criadores ou personagens, resta muito pouco do que seja bom nisso tudo.

Contudo, tratamos historicamente a presença desses autores e autoras como *avis rara*. Ou como impossíveis de serem autores em razão dos contextos sociais donde eles emergiram. E os personagens, muitas vezes, atrelados a estereótipos racistas e subalternizados. Fizemos e fazemos isso desde Teixeira de Souza, Machado de Assis, Luiz Gama, Lima Barreto, Auta de Souza, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Carlos de Assumpção, Oswaldo de Camargo, alcançando escritores contemporâneos como Paulo Lins, Conceição Evaristo, Ferréz, Geovani Martins, Cidinha

Momento de apogeu do fluxo de escravos negros ao Brasil, cerca de 3 a 4 milhões de africanos desembarcaram nos portos coloniais do período.

da Silva, Livia Natália, Marcelo de Salete. Um livro no morro? Um livro na favela? Um livro na periferia? Um livro nessa escola pública? Um livro nessa cidade? Daí procuramos saber intensamente mais sobre a biografia do escritor ou escritora que sobre sua obra. Evidente que a biografia e o contexto social, político, importam como as condições sociais para produção da obra, algo que eu investigo intensamente nos meus trabalho. Contudo o problema está na maneira como a pergunta é formulada. E esta maneira está diretamente relacionada à forma como o racismo, o preconceito e a discriminação contra pretos e pardos, os negros brasileiros, opera no Brasil. A sociedade brasileira historicamente massacra a vida negra, criando dificuldades de toda ordem para as condições sociais de existência e acesso a direitos de cidadania ao negro brasileiro. Não apenas porque fomos plasmados pela escravidão, mas porque atualizamos e reproduzimos o racismo e o preconceito como forma de relação social de poder, de expressão de desigualdade e hierarquia no mundo da liberdade, ao longo do século XX e nos dias correntes. Portanto, como, em cenários de tanta morte, interdição, proibição de acesso à igualdade, é possível que ainda existam escritoras e escritores negros? Quem são, o que comem, como vivem, onde moram, quem amam...? É risível, mas é

expressão do racismo. Eles existem, e em quantidade e qualidades de alto nível. Ouso dizer: não teríamos a mesma história literária, do ponto de vista criativo e da formulação das nossas tramas narrativas, caso excluíssemos negras e negros delas.

Embora tenha havido uma resistência histórica às mudanças sociais, no que diga respeito ao acesso aos direitos básicos da cidadania, como à vida e à educação pública para a população negra brasileira, eu não tenho dúvidas que medidas dos últimos quase 20 anos são decisivas para mudar esse cenário. E há indicadores sobre isso. As ações afirmativas, como as cotas para estudantes negros nas universidades, no serviço público, ou ainda Leis como as 10639 e 11645, criam um cenário de abertura para produção de novos sujeitos sociais e, portanto, novas perguntas do ponto de vista da produção de conhecimento, de pesquisa. Eu espero que o Insólito seja superado, enquanto pergunta racista da nossa sociedade. E também enquanto livro, porque ele é uma resposta antirracista a um cenário que espero deixe de existir entre nós. É claro que, como vemos, sempre que há movimentos de mudança social progressista, as reações às mudanças são igualmente fortes. Precisamos estar atentos e preparados para isso.

Nasce Luiz Gonzaga Pinto da Gama, escritor, jornalista e um dos ícones da luta pela afirmação da identidade negra em Salvador, BA

3X22: Na Literatura Brasileira Modernista, Mário de Andrade e Oswald de Andrade tem a mistura de “raças” e a exaltação desta como um tema comum. Você acredita que essa busca por uma identidade brasileira e por, talvez, uma postura positiva (passiva) com relação às nossas raízes e de oposição aos estudos científicos e ideológicos de branqueamento, é raiz da Ideologia da mestiçagem ou do Mito da Miscigenação? A literatura tem esse poder?

M.A.: A ideia de mestiçagem ou sobre o princípio da miscigenação como algo positivo ou negativo entre nós tem uma longa tradição no pensamento social brasileiro, nas produções literárias e científicas sobre o Brasil. Isso nos acompanha há séculos, analisado ora como mal de formação (inclusive podendo ser explicativo, para alguns, no século XXI como nossos problemas atuais), ora como nossa positividade diferencial no mundo. Depende de quem lê, da lupa que usa e dos sentidos políticos que queira dar ao que leu. Dos males ibéricos, da traficância lusitana, a indolência africana ou preguiça indígena, dirão alguns; ou às “raças” fortes: portuguesa (aventureiros), africana e indígena (resistentes, inteligentes etc.). O que importa é que, nas duas lentes, temos expressões de racismo, seja conservador ou progressista, de um lado. E o que igualmente

importa é que, doutro lado, temos de lidar com o fato de sermos uma sociedade miscigenada, mestiça e ninguém é menos cidadão por isso. A “pureza racial”, na nossa história humana moderna, terminou em escravidão, nazifascismo e genocídios. “Branços”, “pretos”, “pardos”, “indígenas”, são todos cidadãos. O problema é que uma das expressões do racismo brasileiro é o ideal de branqueamento, como algo bom, e os usos sociais desse ideal, que terminam por criar todo tipo de discriminação, desigualdade, hierarquias, violências e mortes entre aqueles que não são socialmente lidos como brancos. Se há uma “identidade brasileira” é a de uma sociedade desigual, racista, moderna e cheios de problemas para resolver com relação à sua modernidade desigual, racista e capitalista. Nada no sentido de “o brasileiro é isso ou aquilo, assim ou assado”. O debate identitário nessas bases é uma espécie de *Retrato de Dorian Gray* mal formulado, sociologicamente colocando o que importa debaixo dos panos. Os dados sociológicos, econômicos e censitários são expressões científicas da realidade. O restante, sobre este assunto, é mistificação e cortina de fumaça, que não dão conta da multiplicidade que temos sido e como vivemos, excluindo aquilo que não gostamos de ver no espelho. A imaginação literária tem de ser lida, na minha opinião, como forma de nos vermos, em

Fundado, por Paula Brito, o primeiro Jornal Brasileiro contra a discriminação racial “O Homem de Cor”

contextos históricos. E quando bem realizada, nos faz ver de maneira mais complexa e sem retoques.

3X22: Na história dos povos negros e de descendência negra houve e há um movimento de apagamento e silenciamento. Sua obra faz o movimento oposto, conta histórias e realidades não contadas. Sabemos que existe uma memória, mas muitas vezes ela ainda está muito encoberta/escondida. Qual a importância do Descobrimento dessa Memória?

M.A.: Você tem toda razão e é uma boa síntese sobre o que tem sido meu trabalho, de procurar revelar aspectos de uma “outra memória”, “outras histórias”, sobre algumas expressões do mundo negro brasileiro. A memória social é um problema sociológico fundamental. Memória é poder, é um direito. Ela diz respeito ao presente, não ao passado. Quem controla a narrativa sobre o passado quer controlar também uma narrativa sobre o presente. Em sociedades desiguais e com práticas racistas, como a nossa, o controle da memória é uma expressão perversa do poder, porque ele expressa que uma parcela significativa da população não tem direito ao seu passado ou que ele é inválido. Portanto, no presente, não se tem quadros de referências positivas. Além disso, nossa sociedade mata, de forma violenta, cidadãos negros e negras, majoritariamente jovens (estão aí os dados do IPEA sobre o Mapa da

Violência) ou de outras faixas etárias por motivos variados (condições habitacionais, acesso à saúde pública ruim, desemprego etc.). Num cenário de tanta morte negra, qual memória? Num passado tão desconhecido, negado ou invisibilizado, qual memória? Numa literatura que teve tanta dificuldade em assumir seus criadores e personagens negros e negras, qual memória? Isso não diz respeito apenas ao Brasil: estamos vivendo hoje uma ótima polêmica internacional sobre homenagens e monumentos públicos dedicados a personagens e eventos racistas. Uma obra literária brasileira contemporânea, de reconhecimento e alcance internacionais, como o *Angola Janga e Cumbe*, de Marcelo de Salette, lida diretamente com o problema da memória como quadro de referência, desconhecimento, apagamento, invisibilidade e poder. Repito: a memória social não é um problema do passado.

3X22: Na perspectiva atual sobre autores, literatura negra e periférica, pensando em 2022, você acha que a internet substituirá a imprensa e os jornais e facilitará o autofinanciamento e a publicação de autores negros e periféricos? Para além da prisão identitária, ainda hoje continua a dificuldade do autor negro e periférico em ser publicado, lido e ser recebido?

Revolta dos Males, na Bahia, comandada por escravos de maioria muçulmana

1835

M.A.: Não sou capaz de dizer sobre perspectivas para 2022, ainda mais considerando este ano 2020 que vivemos. Tampouco sou um especialista no tema da circulação e mercado editorial. O que me parece, de maneira geral, é que a internet, que já tinha há mais de uma década, um lugar de enorme importância para produção, circulação e recepção de autores – basta lembrar a virada da chamada Geração 90, os blogs, sites, as páginas do *Orkut* ou *Facebook* – passou a ter, nas circunstâncias do isolamento, um lugar decisivo. É muito instigante ver a quantidade de canais literários no *Youtube* ou no *Instagram*, por exemplo (há vários, muitos protagonizados por mulheres e, ainda mais, mulheres negras). Revistas literárias online também têm tido um papel de destaque. Muito importante o papel de

e-books também, que barateiam a produção. Ou ainda a produção em papel, sob demanda. Outra coisa distintiva é o cenário de editoras e livrarias, virtuais ou presenciais, de nicho, que alcançam públicos variados. Algumas já há bastante tempo no nosso cenário, outras que aparecendo neste contexto. Pensemos em Mazza, Nandyala, Nós, Malê, Kapulana, Pallas, Veneta, Ciclo Contínuo, Selo do Povo, e muitas outras editoras negras, ou voltadas para o público negro ou, ainda, com interesse em publicar autoria negra, com destaques. Vou ficar por aqui, pois a citação de canais e livrarias exige muito mais pesquisa do que eu possa indicar e revelarão tão somente as minhas preferências, mas não dados científicos, cometendo injustiças com a realidade.

Quem controla a narrativa sobre o passado quer controlar também uma narrativa sobre o presente

a memória social não é um problema do passado

Revolta dos Balaios, comandada majoritariamente por escravos, no Maranhão, contra as condições sociais impostas

Arte e História

COM ROSANA PAULINO

Rosana Paulino: Meu nome é Rosana Paulino, eu sou natural aqui de São Paulo, sou artista visual, pesquisadora e professora. Tenho Bacharelado em gravura pela ECA-USP, especialização em gravura pelo London Print Studio de Londres e Doutorado pela USP na área de Poéticas Visuais.

3X22: Como artista e como pesquisadora, qual a importância da história na arte e da arte na história?

R.P.: Acho que a história, talvez não para todos os artistas, mas no meu caso, é fundamental porque a minha área de pesquisa é tentar entender o país, tentar entender o Brasil como ele é, e por que ele é assim. Então, para eu entender o país, eu tenho que entender a história desse país. Eu acho fundamental. Isso é uma postura muito particular da minha parte, eu não consigo pensar uma produção que não considere também o momento no qual se vive e como é que se chegou até aquele momento. No caso, principalmente, de artistas negras/negros, indígenas ou mulheres, eu creio que é fundamental a gente fazer essa análise também. Por que eu faço essa produção dessa determinada maneira? Houve um condicionante ali também que vem antes de mim, hou-

ve fatores ou maneiras de se pensar e ver a arte que fazem com que eu vá responder à sociedade produzindo de um determinado modo. A discussão é: eu quero continuar no automático, reproduzindo essas maneiras, ou quero pensar também se essas maneiras de se pensar arte são adequadas para mim? Então, nesse sentido eu tenho que conhecer a história, eu tenho que ir pra história e olhar: por que se produz arte dessa maneira? Por que a arte produzida aqui é dessa maneira? Por que ela aborda determinados temas e não outros? Para mim é fundamental essa relação arte/história e produção artística, ou análise artística, eu não consigo pensar de maneira desvinculada. Eu acho que tudo faz parte do mesmo pacote. Agora, como eu disse, isso é uma visão bastante particular, tem gente que não considera assim, e acho que tem que ser respeitado. Agora, para mim não dá para pensar de

maneira desvinculada, principalmente em um país como o Brasil.

3X22: Como a arte pode ressignificar o papel da mulher negra na sociedade brasileira?

R.P.: Primeiramente, analisando essas imagens e produzindo outras que vão dar conta de todos esses anos de preconceitos sofridos por essa população. Eu sempre penso a imagem de uma maneira meio Hahnemann, ou seja, meio homeopática, pensando Hahnemann como o pai da homeopatia. Pra curar todos os males que essa população foi submetida através da imagem, só com outras imagens que vão se contrapor às originais. No Brasil, acho que nós damos muito pouco valor ao poder da imagem, somos muito ingênuos em relação ao poder da imagem. Nem tudo está dito ou está escrito. Muito é colocado, muito do preconceito que pessoas negras estão sujeitas, é colocado através da imagem, ou através da falta delas. Então, quando eu não me vejo num determinado local, eu posso ir intuindo, vamos dizer dessa maneira, que aquele local não é pra mim. Essa falta da imagem em determinado local também é determinante, e ela também vai criar locais simbólicos sociais. Ou quando eu me vejo num determinado local, só de uma determinada maneira, o que foi uma coisa recorrente - ainda é, mas já foi muito mais no Brasil -, a população negra só aparece, ou só aparecia

na televisão, de forma subalternizada, limpando. Então eu também posso introjetar que a população negra só é sujeita a limpar, trabalhar na área da limpeza, ou são pessoas pouco inteligentes, pouco estudiosas, ou seja, eu posso criar toda uma gama de estereótipos e preconceitos em cima de uma população através deste estar ou não estar na imagem. Nós no Brasil somos muito ingênuos em relação ao poder da imagem. Essa é uma das teclas que, como professora e palestrante, eu bato o tempo todo: a gente tem que perder a ingenuidade em relação ao poder da imagem. Quando eu converso com o pessoal do movimento social, o tempo todo eu falo: apropriem-se das imagens e apropriem-se dos mecanismos e dos modos de se pensar a imagem, e de fazer a imagem, porque a imagem ela não é neutra, nunca foi... Logo, no caso de uma população de mulheres negras, a partir do momento em que eu estou num determinado local em que eu sou vista como uma artista, uma pesquisadora e uma professora/doutora, isso já significa muito. A minha imagem ali tem peso. Por exemplo, eu me lembro muito bem, essa é uma das cenas mais importantes talvez da minha carreira até agora, ela me emociona toda vez que eu conto essa história em que eu fui dar uma palestra no Museu Afro Brasil, e tinha um grupo grande de pessoas levado pela Bel Mayer, que é uma ativista da



ONCIDIUM I. maculosum, II. Geraënsense.

Arte: Paulino, Rosana. "A Geometria à brasileira chega ao paraíso tropical, 2018 - Impressão Digital, colagem e monotipia sobre papel, 48 x 33 cm. Foto/Divulgação

Revolta do Queimado, a insurreição, que se formou no Espírito Santo, que marcaria a luta pelo fim da escravidão no Brasil

literatura nas periferias de São Paulo. Quando termina a palestra, nós vamos para o Museu, para a área do Museu, e eu me disponibilizei a comentar algumas obras de arte que estavam lá numa determinada exposição. Ao final dessa leitura de obras, me chegou uma senhora, de aproximadamente 70 anos, olha pra mim e fala: “eu posso morrer em paz. Eu vi uma mulher negra doutora. Eu sei que é possível”. Olha a força e o simbolismo disso. Agora, ela já estava com 70 e poucos anos, ela começou a chorar. Eu não sabia o que fazer e disse a ela “você não tem ideia de como isso é importante pra mim”. Agora imagina como isso é importante para uma menina de seus dez, doze anos. Falar “olha, ela ali é professora/doutora, ela ali é cientista, a outra...”. Então isso muda uma vida... isso muda uma vida. E isso eu estou falando da imagem presencial, mas tem também as imagens que aparecem nos livros. A partir do momento em que nos livros aparecem também imagens positivas da população negra, das mulheres negras, feitas por mulheres negras, feitas por artistas negros, e esse é um dos pontos que eu quero me debruçar mais, a importância da arte contemporânea nos livros escolares, a coisa muda de figura. A criança começa a olhar e fala “opa!”, entendeu? “Se ela tá lá, eu também posso”. No Brasil, os movimentos sociais precisam perder a ingenuidade em relação ao poder da imagem. Eu

acabei de voltar do Texas, nós tivemos em um encontro eu, Sueli Carneiro e várias lideranças da América Latina discutindo a questão das mulheres negras na América Latina. E uma das conversas que eu tive com a Sueli Carneiro depois da minha apresentação foi quando a Sueli chegou e falou “olha, a minha geração nunca pensou a importância da imagem. Muito do que você mostrou eu não conhecia. É absolutamente necessário que nós entremos nessa área e pensemos”. Não dá mais pra ter essa ingenuidade em relação ao poder da imagem. Não dá mais. Então para mudar, por exemplo, quando você perguntou, como a imagem, como a arte, e eu estou pegando tudo, audiovisual, a produção pictórica, as artes visuais, pensando que cada um age num nicho diferente, mas age. Então não dá mais pra ter essa ingenuidade em relação ao poder da imagem e em relação ao poder de mudança que ela também proporciona.

3X22: O modernismo, como projeto geométrico de construção do Brasil, foi prejudicial para outras concepções de arte e de vida?

R.P.: Eu vou falar uma parte do modernismo, né? Vou falar somente da questão do abstrato dentro desse projeto de modernidade que vai chegar na América Latina. Então, nesse sentido, sem dúvida nenhuma, eu acho altamente prejudicial. Porque, primeiramente, a gente vai ter um número

1850

muito pequeno de artistas que vão se dedicar à essa tarefa. E é um grupo que eu geralmente brinco, que é a Zona Sul carioca, sei lá, Leblon, Perdizes, que é mais ou menos a localização desses grupos iniciais, né? A primeira questão que se faz é a seguinte: como é que um grupo tão pequeno pode pensar ou pode ser visto, como depois foi considerado, como a “vocação de um país”? E ainda mais de um país tão diverso como o Brasil. Ainda hoje se fala numa suposta vocação geométrica brasileira. Oi? Quer dizer, vocação de quê, colega? Outra coisa, pra onde esses artistas estavam olhando? Eu acho que se a gente pensar essa questão da abstração geométrica no Brasil como uma das correntes da arte, ótimo, maravilha, nenhum problema, nada contra. Agora o que me incomoda é essa história, toda essa narrativa construída em cima desse abstracionismo geométrico como se isso fosse uma vocação natural do país, e outra coisa, sem considerar as outras correntes. Nós já tínhamos, por exemplo, um abstracionismo, ou um uso da geometria, pelos indígenas. Onde está? Pelos negros, onde está? É uma aceitação muito passiva de uma corrente internacional, e sem olhar exatamente onde você está. No meu ponto de vista, como eu entendo geração de conhecimento, eu penso no que se dá nas fricções, nos atritos que existem. A partir do momento que vem um ge-

ométrico pra cá, eu começo a pensar “o que eu já tenho aqui?”, e dialogar e colocar uma coisa: “olha, isso pode ser uma saída para essa questão”. Não uma absorção muito passiva como a arte brasileira, aliás, absorveu muito passivamente vários movimentos até a década de 80. Na década de 90, começa a virar um pouco o plano, né? Essa cena. Mas é uma absorção muito passiva do meu ponto de vista. Então, pra onde olhavam esses artistas? É possível essa corrente aqui no Brasil da maneira como ela foi implantada? O que me mata é essa ideia de uma vocação, uma suposta vocação geométrica brasileira que eu, ainda como estudante, não via esse tipo de coisa. Uma possibilidade de uma vocação geométrica brasileira. Pra quem? Está conversando com quem, colega? Comigo não, eu não tenho nada a ver com essa história, entendeu? Então, é um desrespeito com as outras formas de arte que existiam aqui, é um olhar muito reducionista e é uma maneira muito passiva de absorção de conhecimento, sem dialogar e sem questionar se isso serve ou não pra mim. Eu tenho realmente problemas com essa corrente dentro do modernismo, não pelo fato de ser abstrato ou pelo fato de ser geométrica, mas pelo modo de como houve toda uma narrativa criada em cima dessas questões e que acabam em última instância gerando essa ideia de uma possível vocação

Decreto que proíbe o negro de aprender a ler e escrever

brasileira, uma geometria dentro das artes. Esse tipo de questão tem que ser tensionada sim. A gente no Brasil não tem por hábito fazer esse tipo de questionamento.

3X22: Qual é a função e a importância da artista na contemporaneidade? Existem deveres e responsabilidades?

R.P.: Acho que tem dever como cidadã e responsabilidade como cidadã. Acho que cada artista vai trabalhar dentro daquilo que ele ou ela pensa sobre seu papel na sociedade. Eu não posso, não cabe a mim dizer “é essa função, é aquela função”. Não gosto desse tipo de pensar. Eu tenho muito cuidado quando vou responder esse tipo de pergunta porque eu sempre coloco como eu vejo e como eu me posiciono. Então, como cidadã, acho que não dá pra não pensar, não dá pra não se mobilizar num país com as desigualdades que o Brasil tem, e com os privilégios que eu tive. Apesar de vir de uma família muito humilde, eu estudei numa das melhores universidades do país. A USP está sempre ali na briga entre os três primeiros lugares no ranking das universidades, não só do país, como também da América Latina. É uma das que encabeça, sempre está no páreo, sempre está na briga; e outra, como nas grandes de língua latina, ou seja, suplantando muitas vezes as europeias. Então ter estudado numa universidade dessas,

de forma gratuita, ter feito um doutorado numa universidade como essa de forma gratuita, contar com as bolsas todas que eu contei, foram muitas, não foram poucas bolsas, muito prestigiadas inclusive. Eu tenho um compromisso, sem dúvida nenhuma, eu devo pensar numa devolutiva pra sociedade. Mas isso é uma postura minha, entendeu? E mesmo se eu não fosse artista, se eu fosse médica, socióloga, ou, sei lá, professora de educação física, isso pra mim é uma postura de vida. É uma das questões que me irritam muito também no Brasil, como a gente se mobiliza pouco nesse sentido, de pensar que tem uma devolutiva aí pra ser dada. Como artista, eu penso que a produção no meu caso está, obviamente, como toda produção de arte, ligada a uma subjetividade muito particular, que é a minha. Mas ela também tem que ter um diálogo com a sociedade que pra mim é absolutamente fundamental. Então eu não faço arte, nunca penso arte como uma ilustração para uma tese, mas eu sei que os elementos que eu trabalho podem também serem usados por determinados setores da sociedade na discussão de seus problemas. Tem sim um link, uma questão, um engajamento com a sociedade que me acompanha na minha produção.

3X22: Como a reconstrução do passado pode auxiliar na construção de um futuro?

R.P.: Esse rever o passado é absolutamente essencial para a construção de um futuro mais igualitário. É impossível não olharmos para esse passado, não visitarmos esse passado, porque senão a gente não vai entender como é que as coisas se dão, entendeu? Conversando agora pouco com vocês em off, eu cito a história do músico Evaldo que leva oitenta tiros e o país não para. Então eu tenho que entender, tenho que olhar pro passado, por exemplo, para entender como o racismo científico no Brasil foi uma política de Estado. Como é que o racismo científico aqui desvalorizou tanto esses corpos, corpos negros e negras, a ponto de uma pessoa sair para um batizado e levar oitenta tiros e o país não para? Para que eu entenda o porquê dessa falta de reação, o porquê de ser visto como quase “normal”, as pessoas vêem isso como se fosse normal, um corpo abatido, como se abatesse um frango, né? Um boi. Não é absolutamente normal essa postura, não é normal isso que acontece no Brasil. Mas para eu entender como a sociedade chega nesse estado, só olhando pro passado, e só olhando, por exemplo, como as políticas implementadas no Brasil, principalmente no início da República, como o racismo científico que foi política de Estado, vai levar a

uma desvalorização desses corpos de modo que eles possam ser abatidos, e isso possa ser visto como normal, inclusive dentro dessa população. Eu tenho que olhar, não é possível que eu não olhe pra esse passado, eu tenho que olhar pra esse passado pra entender como isso foi feito, pra desfazer, pra trazer novas narrativas, novas colocações e pra falar “olha, isso aqui não é normal de maneira alguma, isso não é aceitável, isso não é normal e as coisas não são assim, não foi falta de sorte, não foi fatalidade”. Então para isso eu tenho que entender como é que se construiu. Se eu não entender, se eu não olhar pro passado, eu vou constantemente continuar normalizando essas situações. Eu não diria nem cometendo os mesmo erros, porque não são erros, são crimes, é diferente. E eu vou continuar aceitando isso como se fosse normal. Então é absolutamente necessário. Me choca até certo ponto como a intelectualidade no Brasil deixou passar temas como o racismo científico, por exemplo, como essa construção de quem é cidadão e de quem não é cidadão no Brasil, como a arte deixou passar isso. Isso fala muito também de como a arte foi conduzida no Brasil, o que era considerado arte e quem podia fazer arte. Está na hora, estamos atrasados nesse projeto. A gente tem que olhar essa construção se a gente quiser de fato uma sociedade mais igualitária. Porque não tem

Nascimento, em Santa Catarina, de Cruz e Souza, o maior poeta simbolista brasileiro

saída, ou é isso ou é... entendeu? A barbárie. Não consigo ver saída para esse projeto de país que é o Brasil se a gente não voltar lá atrás e não olhar isso com muita, muita, muita atenção

pra entender como é que isso foi feito e quais são as possibilidades que eu tenho para destruir, para desmanchar, quebrar essas noções do passado que acompanham o país até hoje.

Notas

1. Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755/1843) médico alemão e fundador da homeopatia em 1779.
2. Bel Santos Mayer (1967) é educadora social e coordenadora do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC), que investe em informação, formação e transformação social. A organização concentra as suas ações em Parelheiros, extremo sul de São Paulo, região considerada pelas estatísticas um dos piores lugares para se viver.
3. Aparecida Sueli Carneiro Jacoel é uma filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro. Sueli Carneiro é fundadora e atual diretora do Geledés — Instituto da Mulher Negra e considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil.
4. O músico Evaldo dos Santa Rosa e o catador de material reciclável Luciano Macedo morreram por conta dos 80 tiros disparados pelos militares no dia 7 de abril. O julgamento dos militares envolvidos foi feito pelo Supremo Tribunal Militar, que, no dia 25 de maio de 2019, decidiu pela soltura dos soldados.

Por uma outra Teatralização

COM JOSÉ FERNANDO PEIXOTO

José Fernando Peixoto de Azevedo é dramaturgo e roteirista, encenador e diretor de filmes, curador em festivais de teatro, encontros e seminários. Doutorou-se em Filosofia pela Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com tese sobre o teatro de Bertolt Brecht. É professor e diretor da Escola de Arte Dramática, orientador no Programa de pós-graduação em artes cênicas e colabora no Departamento de Cinema, Rádio e Televisão – atividades da Escola de Comunicações e Artes da USP. Entre suas peças recentes estão *Navalha na Carne Negra*, *As Mãos Sujas* (Brasil) e *Trauminhalt.Manifest* (Munique/Alemanha). Autor de ensaios e organizador de alguns livros, publicou, pela editora n-1, o panfleto *Eu, um crioulo*. Atualmente, coordena uma coleção, no prelo, pela editora Cobogó, sobre pensamento negro e outras esquivas.

3X22: No seminário que você participou em 2018, “O Gatilho e a Tempestade, corpos e imagens de 68”, você disse que nem sempre soube que era negro. Você pensa teatro como caráter didático para conscientização racial no Brasil? Se sim, quais seriam as formas de representação dentro das Artes Cênicas que traduziriam esse didatismo?

José Fernando Peixoto: Creio que seria necessário explicar, ainda uma vez, o que quer dizer “nem sempre soube que era negro”. Numa sociedade como a brasileira, mas não só a brasileira, a cor da pele se impõe desde

cedo na vida das pessoas, instaurando *uma condição*. Não é difícil imaginar como isso vai definindo comportamentos, sentimentos, atitudes, relações. Então, dizer que “nem sempre soube que era negro” significa dizer que há um momento em que se torna incontornável a politização dessa condição, dessas relações. Ser negro, então, nesse caso, tem a ver com uma tomada de posição. Eu vinha de uma formação no Departamento de Filosofia da FFLCH/USP, mexendo com filosofia europeia, e não foi simples reverter o mesmo arsenal analítico contra as bases daquele pensamento, interrogan-

Nasce o compositor do Hino à Bandeira, o negro Antônio Francisco Braga

do sobre alguns de seus pressupostos. Para uns, ainda permanece sem sentido perguntar como foi possível a produção de um pensamento sobre o indivíduo e a liberdade, ao custo da colonização e da escravidão. Ainda está por ser escrita uma verdadeira dialética do esclarecimento. Com o teatro não me parece diferente. A história do teatro moderno é uma história do encobrimento; seria necessário refazer essa história da perspectiva da colônia. Então, voltando ao momento em que ser negro passa a ser uma

posição, imagino que o teatro pode, sim, ter um papel na formação dos sujeitos. Mas o teatro negro, em geral, não é um teatro que “leva” consciência às pessoas, antes, ele é um teatro que emerge precisamente no processo de politização, e assim participa dessa luta, forjando meios, práticas, técnicas, argumentos, formas para elaboração dessa experiência. Na diversidade dos teatro negros entre nós, não sei até que ponto podemos falar de “didatismo e suas formas de representação”, como você formula. Mas certamen-



*Fazer teatro negro implica
refuncionalizar o aparelho
teatral, e não se faz isso sem
recontar as histórias desse
aparelho*



**Proibição da exposição pública no mercado de venda de escravos,
junto a lei que proíbe a venda de casais, pais e filhos separadamente**

te podemos dizer que há uma diversidade expressiva de formas, porque há uma diversidade considerável de perspectivas, uma multiplicidade de práticas. Desde a lida mais detida com aspectos da nossa cultura ancestral, até a refuncionalização de técnicas e meios do teatro ocidental nas suas decisivas variantes – movimentos que, aliás, não se excluem –, o que vemos é um teatro negro contemporâneo a redefinir a fisionomia do teatro brasileiro, ao mesmo tempo em que força a leitura a contrapelo dessa história. Talvez não seja demais dizer que o futuro do teatro negro é o teatro. O que quer dizer esse futuro? Ora, a pergunta pressupõe outra: o que significa o negro que designa os teatros negros? Da perspectiva que me interessa, o negro emerge como uma categoria a um só tempo econômica, social, política e existencial, conformando, portanto, subjetividades e sociabilidades, na mesma medida em que se configura o capitalismo e aquilo que se compreende ainda como modernidade. O racismo, em sua fisionomia moderna, não é senão a dinâmica pela qual relações sociais foram se configurando numa ordem em que o trabalho dito livre na metrópole pressupunha o trabalho racializado na forma da escravidão na colônia. Se isso faz sentido, a ideia de um teatro negro perderia chão na mesma medida em que o capitalismo se tornasse uma cidade fantasma.

3X22: No seminário acima mencionado, você também ressaltava que “ser negro é assimilar uma fronteira no próprio corpo”. Se o teatro é feito com corpos, uma atriz ou ator negro, quando no palco, carrega essa mesma fronteira? Como ela se expressa na representação teatral?

J.F.P.: Falava aí do corpo negro como um corpo-fronteira. A fronteira é, a um só tempo, uma demarcação, um limite, algo que evidencia uma divisão, um fora e um dentro, algo a ser regulado, um processo pelo qual algo ou alguém é apartado de algo ou de outro, mas uma separação que implica um modo administrado de comunicação, ou integração relativa, controlada, conforme mediações reiteradas. Ora, dizer que um corpo é uma fronteira é dizer que nele operam todas essas práticas, mas que delas ele é, também, expressão. O corpo negro é, socialmente, historicamente, um corpo marcado, e, ele mesmo, uma marca. A sua presença ou a sua ausência demarcam/expressam limites. Sua circulação na cidade responde a regras nem sempre enunciadas, mas intensamente assimiladas e reproduzidas, expressando, ainda uma vez, formas limitadas de integração, de uma partilha restrita e restritiva da cidade, da vida. A maneira como o corpo negro circula na cidade evidencia essa lógica. A sua presença em determinados contextos a explicita. Sim, porque não estamos

1871

falando apenas de corpos, mas também de sujeitos, ou, se quiserem, de um processo que produz sujeitos, que sujeita corpos. Tudo isso, segundo um regime de visibilidade que responde a uma necroeconomia política, a formas de produção e distribuição da violência. Ora, o que acontece quando esse corpo “se” move? O que ele move? O que se move com e contra ele? O teatro negro é a prática dessas perguntas, sem dúvida. Mas, levando em conta a questão posta, parece-me que a presença de uma atriz negra em cena é já o deslocamento de fronteiras. Nesse caso, não se trata apenas de tematizar o negro ou a experiência negra; antes, a presença desse corpo no palco altera já o funcionamento de uma certa teatralidade, do que eu chamei regime de visibilidade. Desde o drama burguês, até sua crise e os processos de epicição das formas, há algo a cercar o quadro da frontalidade domesticada, a cena burguesa. De outra parte, a dinâmica entre intimidade e violação, que definiu a presença do negro escravizado na vida social brasileira, força-nos a compreender que o que chamam invisibilidade é, na verdade, a dissimulação de um excesso que deve ser mantido sob o regime de uma visibilidade social totalmente administrada. Quando encenamos *Navalha na carne negra*, um então resenhista da revista *Veja* escreveu sobre o nosso “chover no molhado”: nas palavras dele, não

havia, ali, nenhuma leitura da peça que permitisse ver, a partir dela, algo novo. Isso porque alterávamos do texto apenas uma palavra, sem recursos a performatividades ou extrapolações cênicas – um palco demarcado, com uma cama, a presença de uma câmera operada por uma mulher negra e duas telas de televisores acopladas, projetando ao fundo, de maneira saturada, as figuras e a ação em *close up*. Ora, apostávamos em algo que ainda não se evidenciou no teatro brasileiro. O fato de que aqueles personagens, inscritos naquelas relações, conformam uma condição e uma sociabilidade negras, que traduzem uma experiência violenta de subalternização da vida – experiência que, encarnada pelos corpos negros, impõe um outro olhar, uma outra teatralidade. Algo que deveria gritar aos olhos, tanto mais pela ausência já histórica de corpos negros ocupando aquela a cena. A desconsideração dessa operação, que ali era desdobrada pela câmera e as telas que intensificavam, em primeiríssimo plano, a presença negra, como uma espécie de excesso e saturação a serem *considerados*, é parte de uma desinteligência que define não apenas o comentário de peças, mas o vazio de uma expectativa acerca da “representação teatral”. No Brasil, se um negro fazendo a cena não altera a cena, não instaura um outro regime de visibilidade, então a cena precisa ser outra. *Considerar* não é uma operação sim-

ples, numa sociedade e num teatro forjados numa oscilação supressiva, aparentemente sem fim, entre a side-ração e a desconsideração. Ainda uma vez: fazer teatro negro implica refuncionalizar o aparelho teatral, e não se faz isso sem recontar as histórias desse aparelho. Esse duplo movimento ocorre como *ocupação*, produção de outros regimes de visibilidade.

3X22: O senso-comum é de que os artistas estão “mamando na teta do governo”, pois se querem fazer seus trabalhos devem custear os mesmos. Qual resposta você daria à essa afirmação?

J.F.P.: Eu não sei se essa expressão é da ordem do senso comum, ou se ela traduz uma visão interessada e destrutiva acerca da vida cultural e artística no país. “Custear” o próprio trabalho é uma ideia vaga para mim, parece pressupor uma capacidade que se confunde com classe social e arranjos econômicos. Não creio que seja possível generalizar esse pressuposto, no que diz respeito aos artistas brasileiros, a essa altura do século XXI. Se quisermos entrar no assunto, talvez pudessemos dizer o seguinte: o financiamento público da arte não se confunde privilégio, mas pressupõe a garantia de um espaço social atravessado pela dimensão pública, no qual as ideias devem estar à prova; espaço, em parte, também atravessado por condicionamentos segundo regras

compartilhadas socialmente, mas capaz de interrogar sobre o sentido e o funcionamento dessas regras e de sua partilha – prática, essa, que define a sua complexidade. Parece paradoxal, mas trata-se simplesmente de verificar a capacidade que uma sociedade tem de se imaginar diferente dela mesma, ação reflexiva sem a qual uma sociedade se desconhece, se fecha, se retrai, se autoconsome. Sem isso não existe sociedade, e é precisamente quando a sociedade vai se esfarelado que essa perspectiva também vai se desfazendo. Mas o esfarelamento é o que, desde sempre, define o que chamamos sociedade no Brasil. A imagem parece fugidia, mas não se realiza sem violência, como demonstra a história do país e o estágio atual que o confirma como laboratório mundial da exceção e do controle, atualizando, até a extrapolação, o horror capitalista enquanto modo de produção da morte.

3X22: Qual seria a maior dificuldade de se produzir teatro no momento atual em comparação com governos anteriores, tendo em vista que o orçamento cultural sempre foi desprezível no país?

J.F.P.: Não sei responder a essa pergunta genericamente, e creio que as respostas variem segundo as perspectivas. Para mim, o teatro como arte pública tem o tamanho da vida pública de um país. Aprendi a fazer teatro como tentativa de elaborar a experiên-

Nasce João Candido, líder da Revolta da Chibata, conhecido como Almirante Negro em Rio Pardo, RS

cia de sociedade que vivo. Nesse momento, a forma é a da desagregação. Existem as questões de financiamento, existem as questões de organização, mas o ponto principal, parece-me, diz respeito a algo que nos escapa social, política e imaginativamente: quando falamos de Brasil estamos falando de quê? Dizer que o Brasil não existe é uma saída retórica, mas tem certo poder de descrição. De um lado, o país da bandeira verde e amarela resulta de processos continuados de supressão, genocídios, espoliação, controle e subalternização. De outro lado, o país que interessa não é um, mas uma multiplicidade de conformações sociais, formas de vida, organizações e práticas de imaginação que, reconhecidas na sua força, certamente nos fariam imaginar algo que não cabe na ideia de uma unidade nacional imposta sob a regra da violência e do medo. Quantas nações comporiam o Brasil se considerássemos, por exemplo, a multiplicidade de nações indígenas entre nós? Se voltamos ao teatro, um bom orçamento nos permitiria instaurar essa escuta de nossa multiplicidade de maneira produtiva? Sim. Mas não deixemos escapar o fato de que um orçamento corresponde a um projeto – e que a escuta é também, e ao mesmo tempo, uma posição, um programa, um aprendizado, uma luta. Isso, aliás, qualquer artista em formação no contexto das universidades públicas disso que ainda chamamos Brasil já compreendeu.

3X22: Discute-se que o grupo dominante dita os padrões culturais e estéticos e, para tanto, é promovido um achatamento nocivo nos costumes da população negra (e outras minorias no Brasil). Como resgatar valores que seriam genuínos à população afrodescendente?

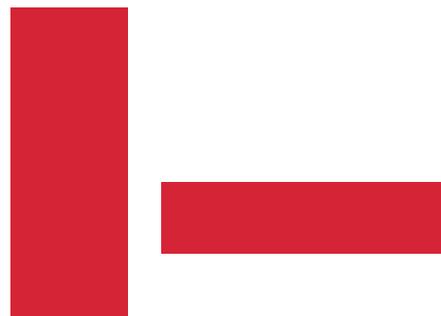
J.F.P. Mais uma vez, sua pergunta me lança num campo minado. Não sei responder. Não tem regra, mas certamente existem algumas condições para que isso que você chama de resgate ocorra. De minha parte, não penso que se trate de “resgatar valores que seriam genuínos à população afrodescendente”. Quando essa ideia de “valores genuínos” entra em pauta, parece-me que já estamos imersos numa espécie de essencialismo. Da prática que me concerne, compreendo que se trata de reconhecer aspectos que constituem formas de vida, elementos que estão aí, resistindo a dinâmicas supressivas, e por isso mesmo em constante transformação. Isso não implica algo “apenas” da ordem da cultura. Com efeito, não se trata de resgate, mas de reconhecer os corpos que estão em permanente insurgência, em intensa e continuada ressurgência. O candomblé, por exemplo, até onde o compreendo e vivo, não é “apenas” um valor ou um dado cultural, mas uma forma de vida. E quando falo vida, não há metafísica que descreva a complexidade dessas formas de convívio e da luta implicada no esfor-

ço de manter-se respirando em meio a uma socialidade e a sociabilidades rarefeitas.

3X22: O Brasil é um dos países mais desiguais do planeta, a grande maioria luta pelos acessos mais básicos de sobrevivência, sendo o conhecimento privilégio de uns poucos. O teatro estaria desamparado para a promoção de mudanças sociais, sendo necessário à classe artística outras ações que vão além do palco para combater as mazelas brasileiras?

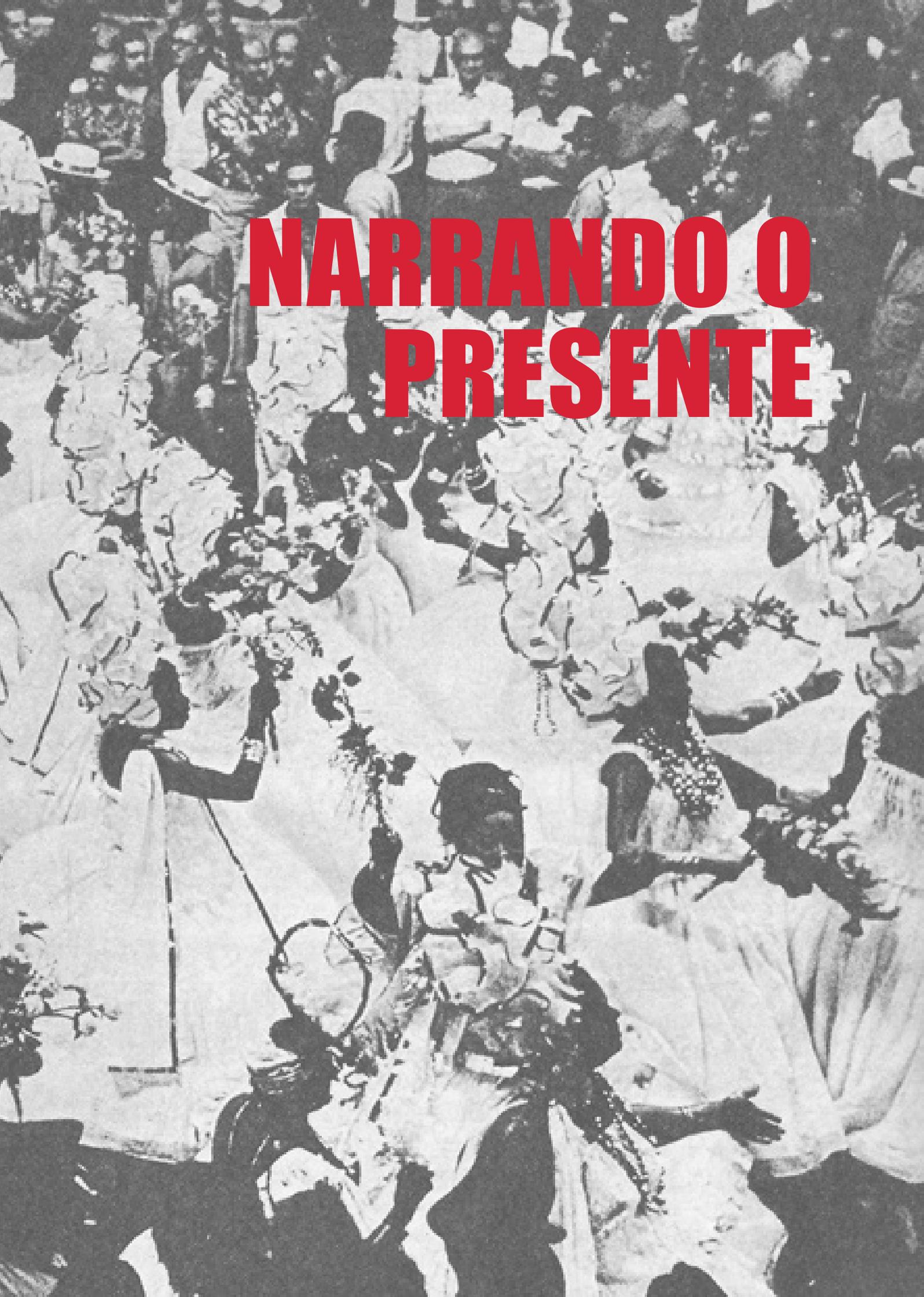
J.F.P.: A pergunta imputa ao teatro quase uma ideia de missão. Não quero, com isso, dizer que nós, fazedores de teatro, não devemos nos envolver nas lutas por transformações sociais – o que talvez seja diferente de as “promover”. Mas onde se dão essas lutas? De que modo o teatro participa delas? Qual teatro? Se a transformação se reduz a tema, então já estamos devolvidos sem recurso ao aparelho tradicional do teatro, participando de sua história. Mas se, por outro lado, é ainda de dentro dele que falamos, então a pergunta seria sobre até que ponto podemos transformar esse aparelho, ou desativá-lo teatralmente – portanto, socialmente. Dito assim, tudo se passa como recuo ou redução de horizonte. Até onde vejo, estamos alojados aí. A ideia de missão mistifica a coisa. Se a pergunta é sobre as relações entre teatro e sociedade, expressão que no-

meia campos e disciplinas universitários, talvez chegue o momento de nos perguntarmos sobre o que é o teatro sem sociedade. Ao menos, sociedade entendida nos termos clássicos, de um organismo mais ou menos reconhecível segundo regras de composição e funcionamento, noção que pressupõe divisão mas também alguma solda entre as partes. Como não há solda sem processo contínuo, a descontinuidade e o inorgânico ainda permanecem no núcleo de nosso problema. Uma outra maneira de contar essa história seria verificar como o teatro se inscreveu nessa descontinuidade, não apenas mimetizando-a, mas talvez assim, a ela sobrevivendo. As experiências de artistas negros desde o século XIX, tentativas como a da Companhia Negra de Revistas até a sistematização de Abdias Nascimento e o seu Teatro Experimental do Negro, e as lutas que nos trazem a essa verdadeira *ressurgência negra* que tem ocupado o teatro e as artes entre nós, são aspectos que desafiam essa descontinuidade que é, também, um projeto de classe e dominação.





Arte: Rafael Pedro



NARRANDO O PRESENTE

As máscaras brancas do sofrimento psíquico: contribuições de Franz Fanon para a saúde mental

POR MARIA CLARA DOS SANTOS OLIVEIRA

É consenso entre estudiosos que o racismo e a discriminação são determinantes associados ao adoecimento e morte precoce da população negra. As violências do racismo são práticas que afetam a saúde mental da pessoa que sofre, podendo levar ao sofrimento psíquico. A exposição constante a situações constrangedoras e humilhantes colabora para processos desorganizadores dos componentes psíquico e emocional. Tratando-se de um problema para a saúde mental e física, o sofrimento causado pelo racismo é uma questão de saúde pública.

Para tratar sobre a relação entre racismo e saúde mental, apresento as contribuições do psiquiatra e psicanalista Frantz Fanon. Em seu primeiro livro *Pele negra, máscaras brancas* (1952 [2008]), o autor traz uma análise sobre a relação entre negros e brancos em uma sociedade colonial, na qual os negros precisam fazer uso de “máscaras brancas” na tentativa de ter sua hu-

manidade reconhecida pelos brancos, tidos como o universal. O estudo de Frantz Fanon nesse livro se configura como interdisciplinar devido ao seu caráter sociológico, epistemológico, político e poético, apontando o racismo como elemento central de opressão e dominação colonial que atinge as esferas sociais, psicológicas e econômicas.

Nesse livro, Fanon procura entender a alienação psíquica com o auxílio da filosofia, sociologia e psicologia. Para ele, alienação é a perda da capacidade de se autodeterminar como indivíduo ou grupo social, sendo subordinado ao colonialismo. A alienação colonial é um fenômeno socialmente construído que marca a configuração da sociedade moderna. A racialização do outro retira a possibilidade do colonizado se ver como universal do gênero humano, colocando-o na posição de específico, animalizado e fetichizado - sendo, estes, importantes mecanismos

do colonialismo. Para um verdadeiro processo de desalienação, segundo Fanon, é importante que seja levado em consideração não apenas os aspectos psicológicos, mas também econômicos e sociais.

A análise fanoniana contribui para pensarmos os complexos coloniais como efeitos psíquicos da situação colonial e estruturantes para o modo de sociedade capitalista, sendo que a sua superação depende de uma profunda e radical transformação da sociedade.

Frantz Omar Fanon nasceu no dia 20 de julho de 1925, na ilha caribenha de Martinica, na época uma colônia francesa. Lutou durante a Segunda Guerra Mundial e com o fim desta foi para a França, onde estudou medicina e se especializou em psiquiatria.

Na década de 1950, Frantz Fanon decidiu fazer residência médica em Saint Alban junto ao psiquiatra espanhol François Tosquelles (1912-1944). Este, assim como Fanon, acreditava que a desalienação psíquica dependeria de transformação radical da realidade social. Ambos defendiam uma psiquiatria com atenção às diferenças humanas, levando em consideração os determinantes sociais do sofrimento psíquico e os seus efeitos na constituição da subjetividade. Uma psiquiatria na qual os pacientes pudessem se reabilitar e assumir suas trajetórias de maneira autônoma.

Em 1953, Fanon atuou como chefe do hospital psiquiátrico de Blida, na Argélia, então uma colônia francesa, e se deparou com relações sociais marcadas pela violência colonial. Com base em constatações “científicas” e nos manuais da *École psyiquiatrique d’Alger*, os pacientes eram alocados em alas para franceses e outras para argelinos, evidenciando as relações de poder coloniais e suas divisões raciais. Diante deste fato, Fanon passou a separar os pacientes por grau de sofrimento psíquico, colocando franceses e argelinos na mesma ala. Os pacientes também passaram a ter liberdade para entrar e sair do hospital, e o uso de camisa de força só aconteceria em casos muito necessários. Tal reforma era impensável para a época. As mudanças feitas por Fanon foram mal vistas por alguns funcionários do hospital, porém seu trabalho também foi bem visto por internos europeus que observavam suas ações, colaborando para que estabelecesse importantes parcerias para o hospital.

As aspirações revolucionárias de Fanon encontraram sentido diante das lutas de libertação nacional que eclodiram na Argélia. O psiquiatra passou a atender os torturadores franceses que adoeciam diante de seu desumano ofício, e de maneira clandestina atendia os argelinos torturados, integrantes da *Front de Liberation Nationale* – FLN. Este feito foi descoberto mais tarde

Brasil é o último país ocidental a finalmente abolir a escravidão

pela polícia, fazendo Fanon desligar-se do hospital e passar a atuar clandestinamente na Tunísia e também na Argélia.

A atuação profissional de Frantz Fanon e seus escritos sobre essa época influenciaram Franco Basaglia, um dos grandes idealizadores da Reforma Psiquiátrica italiana. Esta influenciou a reforma brasileira, porém não se identifica nenhuma menção à influência de Fanon para os escritos e ações de Basaglia e, conseqüentemente, para a luta antimanicomial no Brasil, o que demonstra um distanciamento do debate étnico-racial, pensando-se nos efeitos do colonialismo sobre a subjetividade. A prática profissional de Fanon colabora para pensarmos que a manicomialização, assim como o racismo, coisifica aquele que é acometido por essa lógica, sendo necessário racializar a história da loucura, especialmente no Brasil.

Atualmente, a atenção à saúde mental pelo Sistema Único de Saúde (SUS) dá-se por meio da Política Nacional de Saúde Mental, Álcool e outras drogas (Lei Nº 10.216 de 6 de Abril de 2001) e é efetivada pela Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), a qual deve ser constituída por recursos afetivos, sanitários, sociais, econômicos, culturais, religiosos e de lazer como uma forma de potencializar o cuidado e a reabilitação psicossocial. O CAPS é o principal serviço de atenção à saú-

de mental que compõe essa rede e tem como objetivo atender a população do território que sofre com transtornos mentais graves por meio de estratégias terapêuticas, garantindo o acesso universal, respeitando a diferença dos sujeitos e os compreendendo em sua totalidade e complexidade.

Pensando na saúde mental da população negra e partindo da análise de Fanon, para que o processo de desalienação aconteça, não se pode considerar apenas os aspectos psicológicos, mas também sociais e econômicos. Visto que a Política Nacional de Saúde Mental tem como estratégia o cuidado em território e leva em consideração as diferenças que constituem o sujeito, atendendo-o em sua totalidade - ou seja, tem como proposta de cuidado considerar os aspectos psicológicos, sociais e econômicos -, quais contribuições Fanon tem a oferecer para o atendimento individual em saúde mental?

Devido às barreiras do racismo institucional, o debate racial ainda é tímido nos equipamentos de saúde, fazendo com que os profissionais de saúde reproduzam relações raciais hierarquizadas e associem a cor da pele à inferioridade, o que acarreta em um cuidado desigual entre negros e brancos.

Como forma de diminuir estas iniquidades, foi criada a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (Portaria Nº 992 de 13 de Maio de

1889

2009). Ela tem como objetivo promover o cuidado em saúde dessa população, combatendo o racismo e a discriminação nos serviços de saúde do SUS e reconhecendo o racismo e as desigualdades raciais como determinantes das condições de saúde.

Com base nos estudos sobre saúde da população negra e a análise de Fanon sobre o negro na sociedade colonial, entendemos que observar os aspectos psicológicos, sociais e econômicos é compreender que os complexos coloniais e as violências geradas pelo racismo perpassam a população negra e colaboram para o sofrimento psíquico.

Ainda no livro citado, Fanon afirma que o sofrimento do negro se dá na medida em que o branco o impõe uma discriminação, negando sua humanidade. Ao se colocar enquanto psicanalista, Fanon sugere a necessidade de uma ação conjunta, na qual ele ajude

seu paciente a se conscientizar sobre seu inconsciente e a não mais tentar um embranquecimento alucinatório, mas agir em busca de mudanças nas estruturas sociais.

A partir disso, podemos entender que é papel dos gestores e profissionais de saúde atender a população negra levando em consideração seus determinantes sociais a fim de combater o racismo e colaborar para a efetivação da PNSIPN, para a universalização do direito à saúde e de um cuidado em saúde mental que auxilie o processo de desalienação.

Resgatar o pensamento de Frantz Fanon nos faz pensar o lugar que os negros ocupam e o sofrimento psíquico gerado pelos complexos atrelados ao racismo estrutural. *Pele negra, máscaras brancas* nos oferece subsídios teóricos para uma prática profissional antirracista e emancipatória.

Maria Clara dos Santos Oliveira é graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de São Paulo.



Rui Barbosa manda queimar todos os papéis, livros de matrícula e registros fiscais relativos à escravidão existentes no Ministério da Fazenda

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Mental, Álcool e outras drogas. Atual. em: 20 nov. 2018. Disponível em : <<http://www.saude.gov.br/politica-nacional-desau-de-mental-alcool-e-outras-drogas>>. Acesso em: 7 jul. 2019.

DAVID, Emiliano de Camargo. Saúde mental e racismo: a atuação de um Centro de Atenção Psicossocial II Infantojuvenil. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018, 168 p.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008. p.194

FAUSTINO, Deivison Mendes. Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

PASSOS, Rachel Gouveia. “Holocausto ou navio negreiro?”: inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. Argum., Vitória, v. 10, n. 3, p. 000-000, set./dez. 2018.

SAPEDE. Thiago C. Racismo e Dominação Psíquica em Frantz Fanon. Sankofa: revista de história da África e de estudos da diáspora africana. Dossiê – II Seminário Sankofa. “Descolonização e Racismo: atualidade e crítica”, 2011.



Nasce o poeta, ensaísta e crítico Mário de Andrade, de ascendência afro nem sempre lembrada em São Paulo, SP

É necessário falar sobre Branquitude

POR LUANA ORTIZ SILVA

Diante do cenário sociopolítico atual e dos acontecimentos recentes que envolvem a questão racial, é pertinente utilizar este espaço para promover uma reflexão sobre o conceito branquitude.

Em sua tese de doutorado, a autora Lia Vainer Schucman conceitua a branquitude como “uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade” (SCHUMAN, 2012, p. 23). Podemos considerar a branquitude como um constructo ideológico, construído a partir dos processos históricos de colonização da América e África e da escravização dos povos africanos.

Tendo em vista que os processos de colonização e escravização marcaram a sociedade brasileira com o racismo estrutural, ou seja, com o racismo que faz parte da estrutura da sociedade e é inerente à ordem social, a abordagem dessa questão mostra-se relevante, uma vez que torna-se evidente que a lógica colonial imputa uma inferiori-

dade a grupos específicos, no caso do Brasil, aos povos nativos e africanos. *Por muito tempo, acreditou-se que o racismo era uma problemática somente do povo preto. Contrariamente, busco evidenciar que essa problemática também é das pessoas brancas*, pois quando os estudos sobre questões raciais só olham para os negros, corroboram com a universalização da identidade racial branca. E o que significa essa universalização? Ora, se compreendermos bem o processo de colonização e sua posteridade, veremos que em muitos estudos sobre relações raciais se cria a ideia de que apenas o negro possui raça.

Diante disso, observa-se que o processo de racialização (atribuição de identidade racial a um grupo que não se identificou como tal), que é responsável por retirar a individualidade e subjetividade de pessoas negras, não é pensado quando se fala sobre pessoas brancas. O branco não se apresenta ao mundo como um sujeito racializado, mas como um indivíduo que responde por si mesmo e não por um grupo. Como ressalta Sueli Carneiro em sua tese de doutorado: “A branquitude não precisa se afirmar, porque a afir-



**SOUTHERN WHITES ARE
THE NEGROES' BEST
FRIENDS BUT**

Nasce a Yalorixá Mãe Menininha do Gantois, ícone da luta contra a intolerância religiosa em Salvador, BA

mação a partir do lugar do privilégio equivaleria à ruptura com o pacto de silenciamento em relação às hegemônias raciais produzidas pela branquira.” (Carneiro, 2005, p.132).

Maria Aparecida Bento foi uma das precursoras no estudo da branquitude no Brasil. Em sua obra *Branquitude e Branqueamento no Brasil*, a autora ressalta como a construção do imaginário do branco foi feita em detrimento das demais raças, visto que o branco se coloca como modelo universal de humanidade e como referência. A partir dessa categorização, outros grupos raciais encarados como não humanos são coagidos a desejar aproximar-se ao máximo desse ideal. Por isso, é problemático que estudos sobre a questão racial não abordem a questão do branco na sociedade brasileira, a herança branca da escravidão e a manutenção dos privilégios materiais e simbólicos por parte da branquitude.

Sociologicamente, a raça é uma categoria relacional, ou seja, um sujeito só se caracteriza racialmente em oposição a um grupo distinto. Tendo isso em vista, é necessário destacar que a construção do “branco” se fez através de um processo caracterizado como “falsa projeção”, isto é, através do mecanismo de atribuir ao outro todos os aspectos negativos encontrados em si. Fanon realiza uma análise profunda desse processo, por ora, basta

destacar que o processo de projeção foi a base da construção do preconceito racial do branco contra o negro. Basta lembrar do estereótipo negativo atribuído pelas elites brancas aos negros durante e após o processo de escravização. Grada Kilomba também realiza essa reflexão em *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* e afirma que “O sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o. Tais aspectos desonrosos, cuja intensidade causa extrema ansiedade, culpa e vergonha, são projetados para o exterior como um meio de escapar dos mesmos.” (KILOMBA, 2019, p. 37). Esse processo faz com que os sentimentos positivos da branquitude em relação a si permaneçam intocados, dado que o sujeito negro incorpora aspectos reprimidos pela sociedade branca como agressividade e sexualidade.

A tese central do artigo *A patologia social do branco*, de autoria de Guerreiro Ramos, também enquadra-se nessa reflexão. O autor caracteriza como “patologia social do branco” a negação de sua descendência miscigenada e o culto à cultura europeia em detrimento da cultura nacional. Assim, podemos observar que os processos históricos já citados, que levaram ao surgimento do racismo estrutural,

Fundação da Academia Brasileira de Letras, por Machado de Assis

também criaram um padrão estético e cultural que tem como referência a cultura branca/europeia. No Brasil, houve a construção de ideais positivos em torno da branquitude em contraposição ao imaginário negativo construído em torno da negritude. Esse processo teve dois resultados principais: 1) a construção, no imaginário do brasileiro, da ideia de que há uma superioridade da identidade racial branca em relação aos outros grupos; e 2) a busca pelo branqueamento da população, a qual se deu, inicialmente, pela implementação de políticas imigracionistas no pós-abolição e, posteriormente, com a continuidade desse ideal no imaginário nacional.

Outro aspecto levantado pelo autor, que julgo como pertinente para ser abordado aqui, é o fato de muitos estudos sociológicos e antropológicos sobre questões raciais transformarem o negro unicamente em objeto de estudo, apagando sua existência como sujeito, enquanto pessoas brancas sempre foram vistas como sujeitos capazes de produzir conhecimento. Guerreiro Ramos foi um dos primeiros autores a analisar sociologicamente a branquitude como objeto de estudo a fim de compreender melhor como se dão as relações raciais no Brasil e de desnaturalizar a ideia de que apenas o negro possui raça.

Fecho essa reflexão trazendo Lélia Gonzalez, pois acredito que alguns pontos levantados pela autora em suas obras completam bem as ideias abordadas até aqui. No texto *Racismo e Sexismo no Brasil*, Gonzalez aponta a necessidade de desconstrução da ideia de que existe no Brasil uma democracia racial, ou seja, a ideia de que não há racismo no país, visto que o processo de miscigenação apagou as contradições e harmonizou as diferenças entre as raças. Já no texto *A categoria político-cultural de amefricanidade*, Gonzalez indica que a forma mais eficaz do racismo latinoamericano é a ideologia de branqueamento, a qual mantém negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas. A partir disso, reitero que não vivemos em um país igualitário e harmônico quanto à questão racial e que esse aspecto não pode ser ignorado.

Concluo esse texto ressaltando que a reflexão acerca do termo branquitude é extremamente necessária, pois o racismo não pode continuar a ser visto como uma problemática exclusiva de pessoas negras. Todos devem analisar criticamente a universalização do sujeito branco e os motivos que o levam a não se pensar de forma racializada, e analisar as consequências advindas desse lugar social que é a branquitude em uma sociedade racista.

Luana Ortiz Silva é graduanda em Ciências Sociais (FFLCH/USP), fundadora do coletivo de mulheres negras *Sueli Carneiro* e pesquisadora no campo das relações étnico-raciais.

Referências

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida da Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo: FEUSP, 2005.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RAMOS, Alberto Guerreiro, Introdução crítica à sociologia brasileira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

SCHUCMAN, L.V. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo” : raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Nasce José Correia Leite, ativista da imprensa negra e fundador do jornal O Clarim da Alvorada em São Paulo, SP

Escrevendo na própria carne: cidade, extermínio e segregação urbana e racial

POR CLAUDIA ROSALINA ADÃO

E se a sua pesquisa também for a sua estória? O corpo estendido no chão poderia ser o meu, do meu irmão, do meu companheiro... Daí você é convocada, e pesquisar, além de ser um ato de resistência, remete a sobrevivência, como respirar, comer, viver. Calma! Eu já te explico, você já vai entender...

Março de 2015, eu recém-ingressa no mestrado, iria estudar o Fórum de Moradores do Jardim Lapenna, mas mudei... Provocada por um encontro no trajeto para o meu trabalho: vi os corpos de três jovens que tinham sido assassinados durante a madrugada.

Fiquei impactada! Os índices que demonstram a existência de um genocídio da juventude negra já me inquietavam, mas aqueles três rapazes, transformados em três corpos, “aquele dado” tão materializado, foi uma combinação da dimensão e peculiaridade de um homicídio: um jovem com um nome, um corpo, pertencente a uma família, morador de um determinado território, com uma história que compõe uma estatística e desnuda um processo histórico de segregação e desigualdade.

Por que em alguns lugares da cidade a probabilidade de encontrar um corpo negro caído no chão é maior que em outros? Por que eu fico tensa se meu irmão sai da minha casa às 11 horas da noite e demora para avisar que chegou bem em seu destino?

A juventude negra é a maior vítima de homicídios no Brasil. O fenômeno se repete na cidade de São Paulo. Há uma articulação perversa entre vulnerabilidade, morte, pobreza e raça. Nas periferias da cidade de São Paulo, há uma concentração da população negra e de violência letal. Tal articulação está atrelada ao processo de segregação urbana da cidade.

Nasce Arlindo Veigas dos Santos, acadêmico
e primeiro presidente da Frente Negra Brasileira

“Continuam, é assim... não param de nos matar (...)”

A população negra, principalmente a sua juventude, é a maior vítima de homicídios no Brasil. O Atlas da Violência 2019, elaborado pela Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), analisa o banco de dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde. Segundo o Atlas, em 2017 houve 65.602 homicídios no Brasil, o que equivale a uma taxa de aproximadamente 31,6 mortes para cada cem mil habitantes. Trata-se do maior nível histórico de letalidade violenta intencional no país.

Os dados também demonstram que a violência continua a demonstrar a diferença entre negros e brancos no Brasil. No Atlas da Violência 2019, verificamos a continuidade do processo de aprofundamento da desigualdade racial nos indicadores de violência letal no Brasil, já apontado em outras edições. Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros (definidos aqui como a soma de indivíduos pretos e pardos, segundo a classificação do IBGE, utilizada também pelo SIM), sendo que a taxa de homicídios por 100 mil negros foi de 43,1, ao passo que a taxa de não negros (brancos, amarelos e indígenas) foi de 16,0.

A taxa de vitimização de jovens negros na capital paulista¹ é superior às do estado de São Paulo como um todo. Armas de fogo são responsáveis por 78% das mortes entre a população jovem negra na capital. A concentração dessas mortes está nas periferias da cidade e não é um fato episódico, mas construído historicamente, tendo como disparador o processo de segregação urbana e racial da cidade. Daí, a importância de compreender como ocorreu o processo que levou essa população a viver nas periferias da cidade.

No chão da cidade

A diferenciação urbana e a produção social do espaço são importantes para compreender o contexto de urbanização em São Paulo e o deslocamento da população negra. O espaço urbano é produto do trabalho social humano e esse produto é apropriado de forma diferenciada, sendo o produto dessa apropriação diferenciada, a terra-localização ou localização (VILLAÇA, 2015) e diferenciado a partir de sua localização, composta pela infraestrutura urbana, as construções e a facilidade para acessá-lo. O Estado tem papel

crucial na produção de localizações.

A riqueza e o bem-estar de territórios particulares aumentam à custa de outros. As condições geográficas desiguais não advêm apenas dos padrões desiguais de dotação de recursos naturais e vantagens de localização. Também são produzidas pelas maneiras desiguais em que a própria riqueza e o próprio poder se tornam altamente concentrados em certos lugares em decorrência de relações assimétricas de troca. Uma das tarefas essenciais do Estado é tentar preservar o padrão de assimetrias espaciais de troca que seja mais vantajoso para ele (HARVEY, 2014).

A diferenciação espacial pela localização e a intervenção estatal ganham outra dimensão no início do século com a intensificação da urbanização, deixando mais visível a segregação socioespacial. O capitalismo industrial, ao exacerbar a divisão social do trabalho e a luta de classes, acentuou a divisão social do espaço: era quase natural que as classes dominantes continuassem a apropriar-se dos setores urbanos mais valorizados, justamente por sua localização privilegiada, por sua acessibilidade, e pela infraestrutura disponível, deixando os bairros menos privilegiados para as classes mais baixas. A população negra compunha e compõe as classes mais baixas, e para ela foram destinadas as localizações com menor infraestrutura urbana da cidade.

Territórios negros

Nasci no Bixiga, na rua onde hoje fica o Teatro Oficina!

- Sua avó , quando veio de Minas para São Paulo foi morar em um cortiço na Rua da Glória (região central da cidade);

- Quando seus avós chegaram aqui na Vila Dalila só tinha mato.

As três memórias acima são da minha família, a primeira de meu pai, Cláudio, e as duas últimas de minha mãe, Margarida, e são um pequeno recorte do deslocamento da população negra na cidade de São Paulo. Vivemos há muitas décadas na zona leste de São Paulo, mas, como no caso de tantas outras famílias negras, esse não é o nosso lugar de origem.

A história dos negros e negras na cidade de São Paulo é marcada pelo deslocamento, segregação racial e urbana e pela construção de territórios de resistência. Tratar destes territórios engloba a dimensão das vivências, relações, trabalhos, produções de cultura e de resistência, e reprodução de desigualdades sociais.

Além do trabalho na grande lavoura, os negros e negras ocupavam-se dos serviços domésticos e do pequeno comércio. A circulação desta população, como escravizados ou libertos, pelas

Nasce Francisco Solano Trindade, poeta, compositor, ator e teatrólogo, em Recife, PE

1908

ruas, como vendedores, ambulantes, quitandeiras, pessoas em trânsito para os trabalhos domésticos nas casas senhoriais, escravos de tabuleiro, fazia parte do cenário do centro velho da cidade. Próximo a essa região, concentravam-se as áreas de moradia das elites.

Configurava-se também, como territórios negros da época, os quilombos urbanos, como os Campos do Bexiga – na época Mata do Saracura - e as irmandades e as regiões de Santa Efigênia, Barra Funda, Lavapés. No pós-abolição, negros e negras continuaram habitando essas regiões, vivendo em porões e cortiços. A constituição de um mercado imobiliário dual começou com a proibição de instalar cortiços na zona central definida pelas Posturas de 1886 e reiterada pelo Código Sanitário de 1894.

Dos territórios negros à formação das periferias

Na administração do prefeito Antônio Prado (1899-1911) foram realizados os chamados “trabalhos de melhoramentos da cidade”: o alargamento e a construção de ruas, a construção de praças, a transferência e as demolições de mercados. Neste período, a população negra foi desalojada

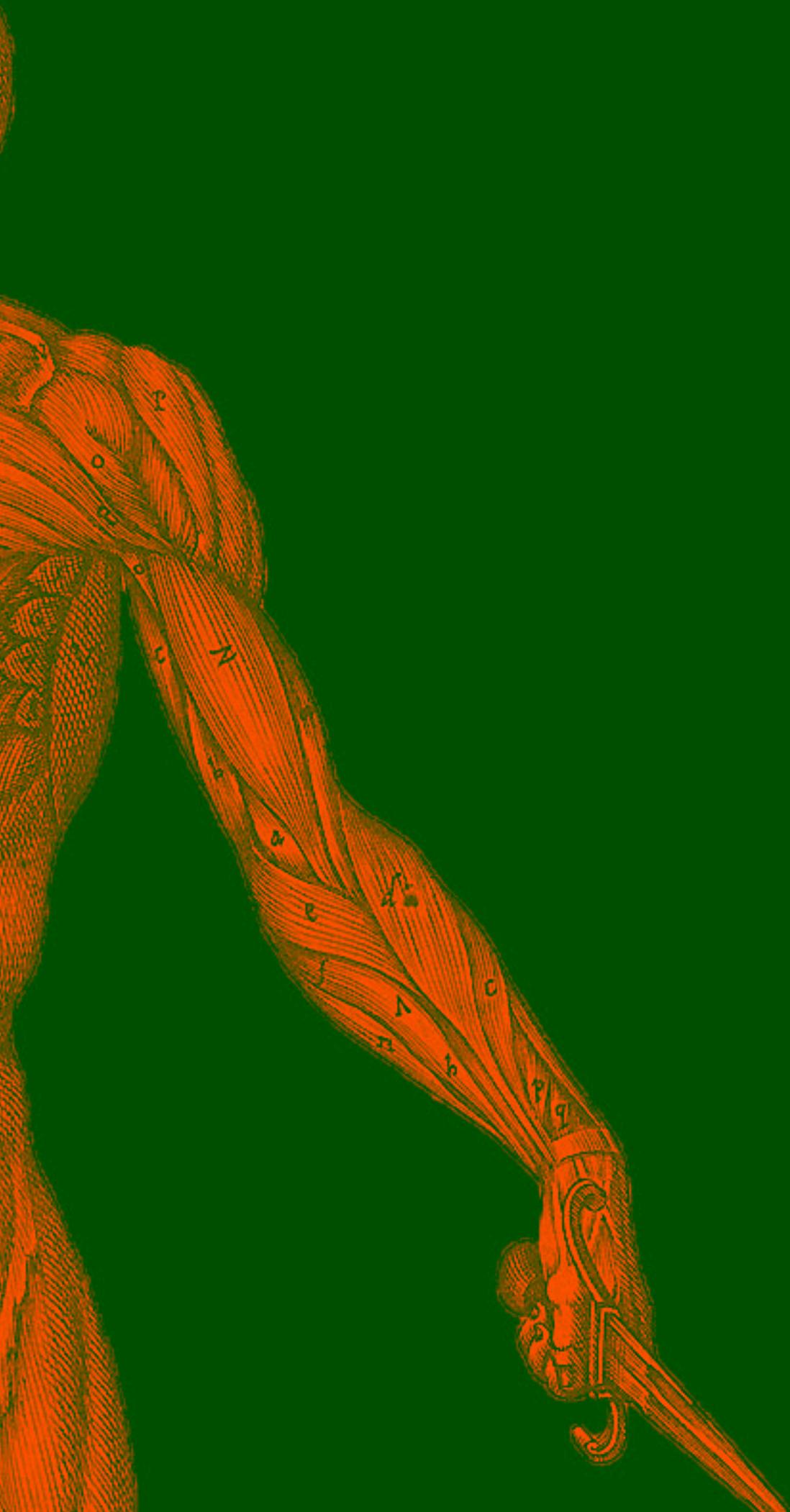
de seus territórios.

Os “trabalhos de melhoramentos da cidade” inseriram-se nos planos urbanísticos, forma pela qual o Estado exercia o seu controle sobre a produção do espaço urbano. As relações de poder se estabeleciam no âmbito urbano, por um lado, em torno do privilégio dado às elites, no direcionamento dos recursos públicos e na construção de seus bairros; e, de outro, pela exclusão que atingia a população urbana mais pobre.

Estes trabalhos culminam com o processo de periferação das classes populares: a abertura de loteamentos, a autoconstrução em bairros distantes das áreas equipadas pela rede de transporte público da cidade. Amparadas pela ideia de higienização dos bairros mais pobres – espaços em que se verificava uma relação direta entre insalubridade e doenças como a febre amarela, entre outras–, as intervenções da época aproveitavam tal justificativa para promoverem a expulsão da população mais pobre das áreas centrais e renovar esses bairros com novos padrões de ocupação. Em São Paulo, a origem da intervenção do poder público no controle da produção do espaço urbano e da habitação deu-se através de medidas urbanísticas higienistas.

A autoconstrução de casas, na qual os próprios habitantes construía as suas moradias em loteamentos irregulares





Nilo Peçanha, tido como o primeiro e único afrodescendente a ter assumido a presidência do Brasil, assumiu a presidência do país após a morte do político mineiro Afonso Pena

ou em favelas, e a pressão daqueles para que o Estado reconhecesse estas áreas e instalasse serviços públicos foi o padrão de formação das periferias da cidade de São Paulo, representando o padrão de segregação centro-periferia, predominante durante o desenvolvimento da cidade dos anos 40 aos 80 (CALDEIRA, 2013).

O Código de Obras de São Paulo de 1932 permitia o reconhecimento dos loteamentos irregulares da periferia sem, no entanto, estabelecer os critérios norteadores, deixando-os a cargo dos técnicos municipais e da Diretoria de Obras. Isso deu ao Estado condições de selecionar, muitas vezes segundo interesses eleitorais e imobiliários, as áreas a serem urbanizadas, marcando a constituição desses territórios pelo descaso do Poder Público no que tange à garantia de condições dignas de vida e infraestrutura de acordo com as necessidades dos habitantes destas localidades. Portanto, a segregação negra está atrelada ao processo de zoneamento social.

Olhar para a composição étnica da população da cidade de São Paulo e para as regiões que cada segmento habita demonstra que a segregação também é racial. A população negra representa 37% dos habitantes da cidade de São Paulo, brancos representam 60.6%, e amarelos, 2,2%.² Parelheiros, M'Boi Mirim e Cidade Tiradentes, localizadas nos extremos da cidade, são as

três subprefeituras com maior percentual de negros, 57%, 56% e 54% respectivamente, em contraste com as subprefeituras de Vila Mariana e Pinheiros, localizadas no quadrante sudoeste, ambas com um percentual de 7% de negros.³

Caminhos

desiguais

Com o objetivo identificar a localização espacial dos territórios com maior vulnerabilidade social dos municípios de São Paulo, foi criado pela Fundação SEADE o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) com grupos de 1 a 7. Quanto maior o número, pior a condição de vida, apresentando os seguintes níveis: baixíssima, muito baixa, baixa, média, alta, muito alta e muito alta rural. As regiões com maior vulnerabilidade social estão concentradas nos extremos da cidade, e, as de menor, na região do quadrante sudoeste.

Em 2010, 70,1% da população da cidade de São Paulo vivia em áreas de baixa, muito baixa ou baixíssima vulnerabilidade social e 7,5% da população residia em territórios de alta vulnerabilidade social. Os grupos de menor vulnerabilidade social concentram-se nas subprefeituras da Lapa, Pinheiros, Santo Amaro, Vila Mariana e Butantã. Nos extremos do mu-

Acontece a Revolta da Chibata, liderada por João Cândido, conhecido como o “Almirante Negro”

nicípio, nas subprefeituras de Campo Limpo, Capela do Socorro, São Miguel, Guaianases e Parelheiros, há a concentração dos grupos de alta e muito alta vulnerabilidade.

Ao analisar a distribuição dos homicídios no espaço urbano da cidade de São Paulo, o Instituto Sou da Paz⁴ constatou que as localidades de maior incidência de homicídios concentram-se nas áreas correspondentes à 6ª seccional, que reúne diversos distritos policiais da zona sul e abrange os bairros de Parelheiros, Santo Amaro e Cidade Ademar, representando 25,3% dos homicídios. Em segundo lugar está a 8ª delegacia seccional, que abrange as subprefeituras de Guaianases e Cidade Tiradentes, correspondendo a 13,7%. A 2ª e a 5ª seccionais, cujas jurisdições encontram-se nas subprefeituras de Pinheiros, Vila Mariana e Lapa, apresentam o menor volume de registros de homicídios, 4,4% e 3,6%, respectivamente.

Mataram o Davi

Davi, meu primo, foi assassinado em 1992, aos 22 anos. Até hoje a minha família não sabe muito bem o motivo e a autoria da execução. O que sabemos e o que sentimos é a falta que ele faz, a dor que sua morte nos causou, das tantas coisas que ele poderia ter realizado, abraços não dados, fotos

que não foram tiradas, conversas que não aconteceram, festas e momentos marcantes que ele não pôde compartilhar conosco. Vinte e seis anos se passaram, e eu continuo vendo pelas ruas, jornais e revistas, relatos de muitos “Davis” sendo executados, arrancados de suas vidas, de suas famílias, de suas possibilidades. Estórias que têm muitos pontos de contato: a cor da pele, o lugar de moradia, a trajetória familiar: as mortes dos “Davis” vêm se tornando algo cotidiano e natural. Helicópteros, faixa amarela, tiros, corpo negro caído no chão fazem parte do cotidiano das periferias do Brasil há décadas. Não é episódico, trata-se de um processo construído sistematicamente.

A distribuição racial, a vulnerabilidade social e a distribuição de homicídios na cidade de São Paulo demonstram a construção desse processo e escancaram a sonegação aos direitos básicos. Demonstram as condições de vida precárias vivenciadas nas periferias por grande parte da população negra. Essa realidade impõe a necessidade de medidas urgentes de reversão da condição de vulnerabilidade, a qual negros e negras estão submetidos, que passa por criar uma nova forma de ser cidade, que se proponha a reverter o processo histórico de segregação racial e urbana.

Em Campinas, surge a primeira associação sindical de negros no país

Nasce a escritora Carolina Maria de Jesus, em Sacramento, MG

Sigo respirando...

Continuam, é assim... Simplesmente não param de nos matar, prender, violentar. Essa senzala 100±100±100 com alas que se reinventam nesses mais de 300 anos. Então, a saída é desistir? Já que isso não acaba mesmo! Respirar? Você está me pedindo para respirar, é isso mesmo que eu estou ouvindo?

Sim, minha irmã, é isso: pare! Olhe para o seu corpo, sinta a sua respiração. Pense em algum ancestral seu, pode ser sua avó, mãe, avô... tente ir

mais fundo, pense nos ancestrais delas e delas... se você for mais fundo ainda na sua imaginação, talvez consiga visualizar as praias da África, os reinos, as terras de onde elas e eles foram arrancados, porque aquelas(es) ancestrais existiram e resistiram. Você, de certa forma, está aqui, hoje, com a oportunidade de escrever outra estória, nesse tempo, nessa terra, aqui, agora... Um dia você também será lembrada e deixará a sua marca, daí resistir não acaba sendo uma opção, mas uma condição de existência. Não precisa ser sozinha(o), não é sozinha(o). Entendeu? Siga respirando!

Claúdia Rosalina Adão é graduada em Serviço Social pela PUC-SP; Mestre em Ciências pelo PPG Mudança Social e Participação Política da EACH/USP; Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo FAU/USP; Membro da Rede Quilombação de ativistas antirracistas.

Notas

1. Evolução de homicídios na cidade de São Paulo -Instituto Sou da Paz.
2. Censo do IBGE - 2010.
3. Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial da cidade de São Paulo.
4. Homicídios na cidade de São Paulo: diagnóstico das ocorrências registradas entre janeiro de 2012 e junho de 2013.

Nasce Grande Otelo, ator de cinema e TV e um dos ícones da cultura negra em Rio de Janeiro, RJ

Referências

Atlas da violência 2019. / Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**. São Paulo: Global, 2008.

BONDUKI, Nabil Georges. Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, Edusp, 2013.

DOMINGUES, Petrônio. Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós- abolição. São Paulo: editora Senac, 2005.

FERREIRA, João Sette Whitaker. A cidade para poucos: breve história da propriedade urbana no Brasil. LABHAB, 2005. Disponível em <goo.gl/kQyM6Y> Acesso em: 20 jan. 2016.

HARVEY, David. O novo imperialismo. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

INSTITUTO SOU DA PAZ. Homicídios na cidade de São Paulo: diagnóstico das ocorrências registradas entre janeiro de 2012 e junho de 2013 Disponível em <http://www.soudapaz.org/upload/pdf/3_homicidios_sp_ligiarechenberg.pdf.> Acesso em: 15 jun. 2015.

KOGA, Dirce. Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Reginaldo José de (org). A cidade e o negro no Brasil: cidadania e território. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2013.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro), Estudos afro-asiáticos. Rio de Janeiro, n.17, p. 29-41, 1989.

_____. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, 1997.

SANTOS, Milton. O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial –Relatório igualdade racial em São Paulo: avanços e desafios – Relatório SP Diverso. São Paulo, 2014. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/igualdade_racial/arquivos/Relatorio_Final_Virtual.pdf> Acesso em: 25 out. 2016.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Planejamento – Município em mapas: índices sociais, 2004. Disponível em <http://www9.prefeitura.sp.gov.br/sempla/mm/mapas/indice5_1.pdf.> Acesso em 28 abr. 2017.

UNODC, 2013. Relatório mundial sobre drogas. Nações Unidas. Disponível em: <https://www.unodc.org/documents/lpobrazil//Topics_drugs/WDR/2013/Sumario_Executivo_Portugues_FINAL.pdf.>Acesso em 12 mai. 2017.

VILLAÇA, Flávio. O território e a dominação social. In: Margem esquerda. São Paulo: Boitempo. V. 24, p. 31-36, 2015.

Surge em São Paulo uma associação que, dentre outras coisas, foi uma das primeiras a pautar a participação negra na política, o Centro Cívico Palmares

Entre negras pupilas

POR LUCAS FERNANDES

Onde essa fila irá chegar? Cheia de sonhos, histórias, pontos de vista, risos, dúvidas...Não, essa não é a fila do “Minha Casa Minha Vida”, tampouco a de pessoas desempregadas. É uma fila de estudantes de uma universidade pública, e querem entrar no restaurante, ou, como é popularmente conhecido, no “bandejão”. A fome dessas pessoas, aparentemente, é física e espiritual. Algumas delas ainda acreditam que podem mudar os horrores apenas com olhos brilhantes.

Um de cada vez apresenta o cartão de identificação estudantil e aí sim pode-se passar a catraca. Você deve ser um membro, e ser membro é pra poucas pessoas, e deve-se ter isso em mente, pois essa é a forma que as coisas se dão: privilégios generalizados nos vários setores sociais correm como água através dos anos, muita água descendo pelas sarjetas durante as noites quentes sustentam monstruosidades que se perpetuam. Também por detrás das telhas essas aberrações dormem tranquilamente quando a noite cai.

Uma vez dentro do restaurante, é hora de pegar seu garfo, sua faca e sua bandeja. Ali estão os trabalhadores e trabalhadoras que, com frequência, são invisíveis, transparentes como as vidraças. Minha mãe já trabalhou no restaurante de uma grande empresa por muitos anos. Jamais esqueço a quantidade de louças que ela lavou, de quanta comida fez. Suas mãos ficaram alongadas e grossas por conta das pesadas funções. Uma vez ela me levou para seu trabalho, era “dia das crianças”. Minha mãe, juntamente com outras mulheres, entrou em uma sala e, quando saiu, estava vestida com roupas de trabalho: toquinha branca de cabelo, camisas e calças brancas, botas brancas de borracha e almas pálidas... Me lembro quando disse: “Mamã, senta’qui cumigo!” “Não posso”, ela disse. Um curto sorriso se rompeu em sua boca de arco-íris. As mães tinham que servir filhos e filhas...

Bem, uma vez que pegou sua comida, é hora de ver um lugar para se sentar. Sim, às vezes é difícil encontrar...espera... acabei de achar um. “Com licença”, digo. No entanto, não é raro uma resposta não nascer das gargantas inférteis. A educação, vez ou outra, não é tão cultivada, mesmo aqui. Então, um silêncio irá pairar na mesa, como um fantasma cabisbaixo. Às voltas ouço algumas conversas: “acabei de chegar da Alemanha, e acho que vou pra Rússia. Os Estados Unidos não está mais me atraindo, estive lá muitas vezes!”, ou, “Nossa, aquele exame estava difícil, é impossível tirar um 5!” Roda gira, roda segue...queixos tremem mastigando e triturando palavras com peixe; arroz e feijão caem pelo chão e ali estacionam. Uma faxineira passa aqui e lá, flutuando pelos corredores com vassoura e pазinha grudadas em seu corpo...segue roda girando...

O restaurante começa a receber mais e mais bocas cheias de dentes, as conversas explodem em volta do salão mais e mais altas, as risadas alcançam o teto, os braços dos trabalhadores(as) se parecem com pistões de um motor de navio, correndo rapidamente para vencer o mar de pessoas, gotas de suor salgado escorrem por seus rostos e estudantes pra lá e pra cá com suas bandejas cheias, como

formigas carregando restos de insetos. Então, aconteceu a coisa: alguém derrubou uma bandeja no chão. Um ruído foi ouvido e os olhos frisaram-se na situação. Uma bandeja virada no chão, uma bandeja solitária. Ali está ela. Quem irá remover? Eu? Esse cara do lado? É uma bandeja órfã, e ninguém a quer. Uma bandeja virada no chão... isso não acontece todos os dias. A pessoa que a derrubou, num primeiro momento, teve suas mãos e braços paralisados, a face ficou mais vermelha que os tomates. E agora? Bandeja e pessoa. Ambas parecem órfãs, ambas paralisadas no meio do corredor, exatamente quando uma atriz ou ator esquece o texto e os espectadores cruelmente esperam...

A faxineira aparece para retirar toda aquela coisa espalhada. A pessoa que derrubou a comida agora pode balançar suas mãos e soltar a respiração. Os alimentos lembram uma pessoa que saltou do 20º andar e, enquanto a faxineira faz seu trabalho desprezado, os demais continuam a girar a catraca, correndo rapidamente, estridentes risadas, altos tons de voz, suco de laranja derramando-se sobre o piso branco... às vezes tudo é tão cansativo... eu estou já quase pronto para voltar a comer e meus olhos se cruzam com os da faxineira...ela está agachada e, nesse momento,

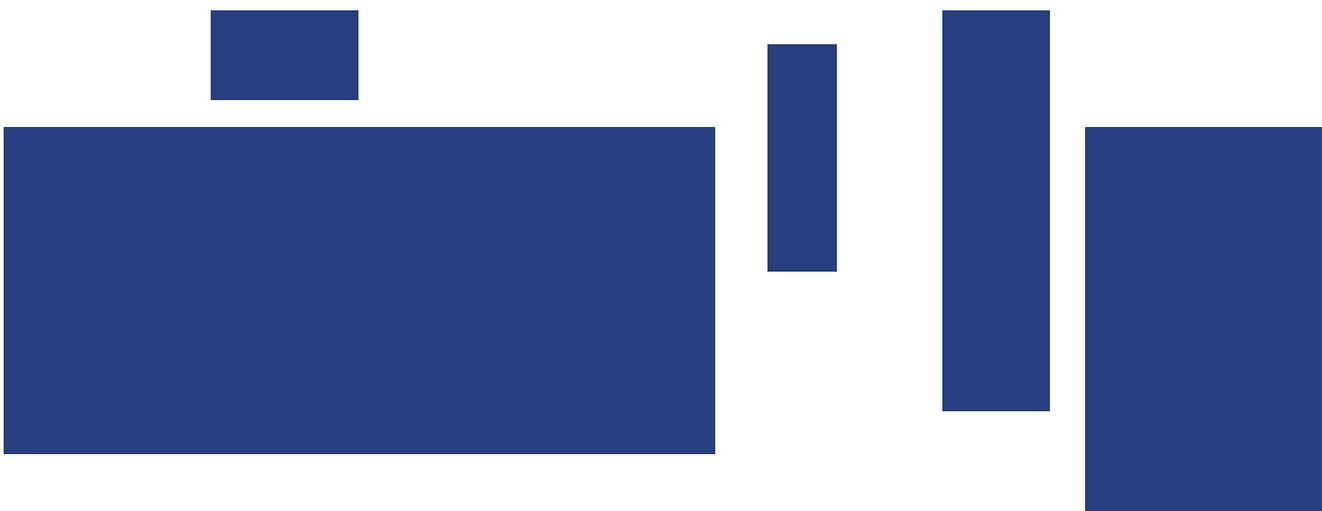
1920

meu garfo para na gravidade... todo o som ao redor se evapora... olhares cruzados: sem risadas, sem conversações, nenhum trabalhador mexendo seus braços... porque a imagem está congelada? Aquela ali agachada é minha mãe? É a sua? É nossa? Quem é essa mulher, o que são aqueles olhos? Profundos, profundos olhos negros como sua pele, encarando todo o meu ser. Por que eu não consigo desviar? Sem palavras, nenhuma boca esmagando estupidez... eu só queria ir embora... profundos, negros profundos... como sua pele... garfo congelado no ar... um conhecido toca meu ombro: “E ai! Quanto tempo, como cê tá?” Senta-se na minha frente, tirando definitivamente a mulher do meu campo de visão. Eu estou pasmado, quase branco como os demais. Antes que o conhecido

pudesse dizer alguma coisa mais, me levanto. Olho para os lados como um bêbado, a faxineira desapareceu entre a multidão e o chão está limpo, alguns pés já o massacram produzindo marcas obscuras...

Preciso sair agora e já! Me desculpo com o colega, digo que que estou muito atrasado e tenho que ir com bastante urgência. Pego a porta de saída. Estranha...estranha coisa... Quero dizer... Lá fora vendem café, roupas, bolachas, chocolates...vida ordinária...ordinária... O sol, alto e largo, se joga por entre as folhas das árvores...calmo... Calmamente caminho. Alguém sorri e sinto que foi direcionado pra mim, será? Cores acenam...quando foi a última vez que você viu uma teia de aranha nos ramos? Alguma coisa sem nome costura o interior do peito.

Lucas Fernandes é formado em Artes Cênicas pelo Conservatório Dramático e Musical Dr. Carlos de Campos de Tatui-SP e graduando em Letras-Inglês pela FFLCH-USP.





BRUNO
SANT'ANA



**Construindo
um futuro**



1924

Tentáculos Literários

COM BEL MAYER

Bel Santos Mayer é educadora social e coordenadora do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC), que investe em informação, formação e transformação social. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Social, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, relações raciais e de gênero, direitos humanos e bibliotecas comunitárias.

3X22: A população mais vulnerável ainda acessa uma educação precária, com problemas como salas superlotadas, prédios sem infraestrutura e brutal desvalorização de professores(as). Por outro lado, os mais ricos pagam altos valores pelo ensino. Tendo em vista o importante papel das escolas na formação das pessoas, como acredita que deve ser combatida essa anomalia no Brasil?

Bel Mayer: O que é importante mesmo para a formação das pessoas são outras pessoas. O educador Tião Rocha¹, do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento de Minas Gerais, fala muito sobre isso, sobre a escola embaixo do pé de manga. O que a gente precisa para formar pessoas são de outras pessoas. Então um jeito de combater essa anomalia no Brasil é formando educadores, conseguindo que esses educadores recebam um salário digno; valorizar a aprendizagem que existe dentro dos territórios; uma

educação que ofereça além do que está nos livros, nas redes sociais, que vá além da informação, que ofereça a interação, o diálogo, essa possibilidade de caminhar pela vida, pelo saber, como um espiral. Essa caminhada de aprofundamento, em que cada passo que se dá, se olha para o que foi construído e entra em contato com um novo nível de reflexão.

Estou lendo o livro de Graciela Montes² - a argentina que tem um ensaio maravilhoso sobre a perplexidade - e ela fala sobre isso, de quando estamos em uma situação de muitos conflitos, como o imaginário de que as crianças não leem, os jovens não leem, e ao invés de buscar soluções rápidas para solucionar esse problema, esse caos, tentar se fazer perguntas, procurar entendê-lo. Então, a solução para tentar combater essa anomalia é a defesa da educação dentro do espaço público, dos educadores públicos, conectados aos territórios.

A gente poder olhar, agora, por exemplo, que estamos diante de uma pandemia, toda a dificuldade que foi encontrada por muitas pessoas para se conectar aos conteúdos que estão disponíveis no mundo, aos disponibilizados pela escola e pela universidade, simplesmente porque não têm banda larga, porque seu pacote de dados não é suficiente para olhar vídeos, para baixar conteúdos. Então o jeito, para nós que estamos no setor social, dentro das universidades, os 70%, precisamos nos juntar para defender, de fato, a democracia; defender o acesso aos bens culturais. E isso é possível por uma escola que tenha menos muros, menos portões, e mais janelas, mais possibilidades de encontros, mais misturas entre a escola e o território.

3X22: Hoje o Ministério da Educação despreza veementemente as ciências humanas. Os ataques a Paulo Freire, os cortes de bolsas para iniciação científica e a propagação da ideia de que o problema da educação no Brasil é o “marxismo cultural” são algumas das concepções do governo. Que análise você faz desse cenário?

B.M.: Olha, tudo o que se refere a esse governo nos dá a possibilidade de conjugar o verbo desprezar em todas as pessoas, em todos os tempos verbais, do presente, do passado, de quem nos deixou chegar nessa situa-

ção. É desprezível que um ministro... não dá nem para falar, você vai chamar do quê? De Ministro da Cultura, Ministro da Educação, uma pessoa dessa? Um Ministério da Cultura que nem temos mais. Então é desprezível. O que nós mais precisamos em qualquer situação de crise é a possibilidade de pensar, de refletir. E recentemente esse Ministro da Educação falou sobre seu desprezo à antropologia, à sociologia, à filosofia, e dizendo que com o dinheiro dele não se pagariam esses profissionais, nem as pesquisas desses profissionais. Com o dinheiro dele, ele pode fazer o que quiser. Nós não estamos falando do dinheiro dele, estamos falando de recursos públicos, de dinheiro meu, de dinheiro de cada um dos leitores dessa revista que precisariam ser empregados para reduzirmos as desigualdades. Mas se houvessem investimentos ao menos para reduzir as desigualdades que nós encontramos, e isso sem olharmos de forma interdisciplinar para a realidade, volto então ao tema do território, não tem saída. Li recentemente uma postagem do Xico Sá³, dizendo que se na primeira fake news do atual presidente, com aquelas histórias de kit gay e outros assuntos correlatos a essa ideia, essa fixação com a sexualidade dentro da escola, tivesse sido discutida pelos meios de comunicação, investigada, e não levada nas proporções que foram levadas, em tom de brincadeira e ao ponto da mentira, da fake news

parecer verdade, a gente não teria que responder essa pergunta. Um Ministro da Educação que despreza as Ciências Humanas: olha a que ponto nós chegamos.

3X22: O IBEAC vem construindo inúmeras ações no quesito educação e cultura em Parelheiros, extremo sul de São Paulo, desde 2008. Dentre essas ações, quais indicaria para serem levadas ao sistema educacional brasileiro?

B.M.: O gosto pela leitura. O que nós mais temos feito nesses 12 anos em que concentramos nossas ações em Parelheiros, é desenvolver o gosto pela leitura, palavrear em um território; é conseguir colocar livros em todos os espaços e compartilhar a importância que o texto escrito, a leitura e a escrita, pode ter para uma comunidade. Isso falando de impacto social. Quando olhamos a Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura⁴, a gestão é feita por seis jovens, alguns deles estão na biblioteca desde a sua formação, alguns terminaram a universidade, outros já estão falando do mestrado, outros estão terminando a formação. Todos são os primeiros universitários de suas famílias. São eles os responsáveis por criar a estante de livros dentro de suas casas, móveis que não existiam antes deles. São eles que têm diminuído a distância entre Parelheiros, uma área periférica, rural, há 50 km do centro da cidade, e

as bibliotecas que se encontram nas áreas centrais, aos autores que estão na última estante, na mais alta prateleira. Esses jovens, acessando a literatura, a literatura periférica, a literatura que fala dos seus cotidianos, eles conseguiram acessar todas as outras literaturas. Então, dentro da biblioteca, nós conseguimos reler *Vidas Secas* [de Graciliano Ramos], por exemplo, que era um livro pelo qual eles tinham passado com certa dificuldade na escola. E, de repente, quando têm outros repertórios, outros argumentos, essas leituras ganham outro sentido. E a que eu atribuo a isso? Essa mudança dos meninos, que é o tema da minha pesquisa de mestrado na USP, na qual estou estudando, dentro do turismo, dentro do conceito de mobilidades, como o acesso ao livro e à biblioteca proporcionou diferentes mobilidades. Ou, dito de outra forma, como que a mobilidade pode ser um método, um jeito de olhar sobre o que aconteceu com aquela biblioteca. E o que aconteceu foi que essa possibilidade de construção de um espaço íntimo da leitura, aquilo que a Michèle Petit⁵, antropóloga e estudiosa do comportamento de leitores, das práticas de leitura e biblioteca, em um de seus livros, em busca do espaço íntimo ao espaço público, fala dessa construção da intimidade da leitura, desses jovens que aprenderam a construir um espaço para si. E que espaço foi esse?

O espaço da mediação da leitura, do conversar sobre os livros, sem a preocupação de uma análise profunda, literária - isso foi acontecendo depois -, o começo foi conversar sobre aquele texto, com muita liberdade. Uma das perguntas que a gente se faz até hoje, nesses anos, é “onde esse texto tocou em você?”. E a experiência da biblioteca traz essa conexão pública da leitura, esse espaço da transformação social. Uma outra autora, Silvia Castrillón⁶, colombiana, também estudiosa das leituras e das bibliotecas, diz que, em outras palavras, o acesso à leitura para as áreas populares, principalmente, pode ser um jeito de mudar o seu olhar, a sua forma de estar e de atuar no mundo. Então a leitura precisa encontrar esse lugar dentro da escola. Recentemente os jovens tiveram uma oficina com a Conceição Evaristo, uma oficina de escrivência, que é escrever sobre a sua vida, escrever sobre a palavra que passa pelo seu corpo. A Conceição Evaristo, em *Ponciá Vicêncio*, em *Olhos d'Água*, textos que nós lemos juntos e conversamos, são textos que viram inspiração para esses jovens escreverem e acesarem Luiz Ruffato. Nós lemos *Eles eram muitos cavalos*. Falo de Ruffato porque ele é um dos padrinhos da biblioteca. Lemos *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, lemos muito de Cidinha da Silva, mas também *As meninas*, de Lygia Fagundes Tel-

les, e *Varal*, de Maria Vilani. Estamos em um projeto que consiste na leitura de 50 obras escritas por autores. A ação se chama “Para ler, ver e contar”. Nós nos encontramos para fazer as leituras, as conversas sobre o que é lido, e depois esses jovens voltam para olhar as suas realidades, a partir daqueles textos. Fizemos isso com *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, depois voltamos para olhar os espaços invisíveis em nossas comunidades para depois contar, contar para outras pessoas o que lemos e o que vimos. Então acho que esse é outro gesto, que eu acredito que nós podemos contribuir com a escola, contribuir com essa plástica, também, essa estética da leitura. Quantas vezes vemos pessoas fazendo leitura dentro da escola que não seja essa leitura da sala de aula? Aquela leitura “agora todo mundo tem que ler desse jeito”. Então, poder ter espaços para essa escolha, para essa leitura dentro desse espaço íntimo, essa leitura do encontro.

3X22: Tivemos mais de 300 anos de escravidão no Brasil. Um regime que se perdurou por tantos anos num país deixa muitos resquícios expostos. Na sua opinião, qual a pior mazela que esse passado escravocrata nos deixou? E a melhor prova de resistência?

B.M.: Acho que a maior mazela que nós tivemos aqui no Brasil é o fato dos brancos não se sentirem respon-

sáveis nem herdeiros desse regime escravocrata. E ao mesmo tempo infringirem sobre os negros as reações de nós negros - eu sou uma mulher negra -, que todas as nossas reações fazem parte de um recalque da escravidão, de nos sentirmos inferiores. A Cida Bento⁷ que é uma estudiosa e que cunhou o termo “pacto narcísico”, ela fala muito sobre isso. É incrível que nesse país, nesse nosso Brasil, parece que só os negros herdaram da escravidão a dor, o ressentimento a inferioridade; para os brancos nada. Eu me lembrei aqui da Cida Bento, do CEERT⁸, e o pacto narcísico, porque é muito chocante, isso em todos espaços, todas as nossas instituições são marcadas por esse racismo, resultado do processo de escravização. Como os brancos se juntam, fazem seus pactos. Se olharmos o que aconteceu agora, depois de todas as rebeliões nos Estados Unidos e... nós acabamos tendo no Brasil alguns brancos que ficaram sensíveis ao movimento que acontecia nos Estados Unidos, mas ao mesmo tempo não se solidarizam com as lutas negras do seu próprio país contra o racismo. Então é chocante, porque existe essa sensibilidade, esse compromisso com os negros americanos, mas não há essa mesma aliança com os negros do seu país. Então acredito que essa é uma mazela que nós temos que enfrentar em todos os espaços. A Grada Kilomba⁹ também traz de como isso se dá no espaço acadêmico. Tam-

bém ali se nós formos fazer pesquisas que tenham um corte racial, - e não que sejamos obrigados a fazer isso, porque esse é um assunto da sociedade brasileira, não é um assunto só dos negros -; mas se você traz na sua pesquisa, na sua fala, é como se você não pudesse fazê-lo, porque você é subjetivo demais, porque você está falando de uma dor que você sente. Então essa mesma dor que é negada, de repente ela aparece como empecilho para que você seja um pesquisador(a). Parece que toda discussão que nós fazemos é uma discussão só ativista, como se fosse pouco ser ativista. Mas trazer os pensamentos teóricos, como do Achille Mbembe¹⁰, discutir a necropolítica, trazer as discussões sobre o feminismo negro, parece pouco sempre. Então acho que essa é uma outra mazela que eu traria também, essa dificuldade de trazer uma epistemologia negra para dentro do currículo das universidades. A prova de resistência é de nós estarmos aqui, estamos vivos, apesar de todos os planos para nos exterminar, desde planos ideológicos, de que a miscigenação acabaria com os negros aos poucos, nós nos embranqueceríamos e seríamos extintos... Não deu certo. Olha só, existimos, e a que se destina essa nossa existência, essa nossa re-existência? Temos nos reinventando continuamente. Então acho que essa é a maior prova da nossa resistência, é que nós nos multiplicamos, nós temos ocupado os espaços,

não de forma fácil, por vezes batendo na porta, outras vezes chutando a porta, e outras vezes construindo o nosso espaço com a nossa porta. Então essa é a grande resistência que eu traria.

3X22: A Biblioteca “Caminhos da Leitura” foi a primeira na região de Parelheiros, construída em 2009 pelo IBEAC juntamente com a população local. Inicialmente ocupando uma sala em uma unidade de saúde, é transferida para o cemitério, mais precisamente, para a antiga casa do coveiro. Num país em que a população negra é brutalmente assassinada - alguns casos bastante emblemáticos como o do músico Evaldo Rosa dos Santos, morto com 80 tiros disparados pelo próprio exército brasileiro, em 2019. Comente sobre o paradoxo de um cemitério que dissemina leitura e vida, e outros que enterram corpos de negros(as) de forma indiscriminada.

B.M.: A nossa biblioteca não nasceu pensada já para ocupar a casa de um coveiro. Isso faz parte das nossas resistências periféricas. Essa biblioteca nasce numa unidade de saúde, e com a chegada do dentista nós precisamos abrir mão daquele espaço e procurar um outro lugar. Eu digo muitas vezes que é um dos poucos casos no qual você sai de uma unidade de saúde para um cemitério e isso significa uma mudança para melhor. E foi o que acon-

teceu, porque nós começamos a fazer toda uma narrativa sobre a vida. Foi a partir daquela mudança, daquela necessidade de procurar um outro lugar. Um amigo grafiteiro, Helder Holiveira¹¹, que vive pintando flores pela cidade, nos perguntou um dia se era motivo de vergonha ou de orgulho para nós estarmos na casa do coveiro. Nós nos olhamos e dissemos que era motivo de orgulho. Ocupamos um espaço que estava abandonado, embora seja um cemitério privado, e conseguimos mudar toda a narrativa daquele lugar. Os jovens gestores da biblioteca são principalmente negros(as), jovens negros(as). E ali começamos a fazer toda uma discussão sobre vida e morte. É uma discussão que os jovens organizam. Tem um sarau que acontece uma semana depois do dia dos mortos, é chamado de “Sarau do Terror”, porque fizeram toda uma brincadeira com essa história da festa do *Halloween* que a escola fazia, e os jovens decidiram: “estamos num cemitério, vamos comemorar o dia dos mortos”- uma coisa que se faz no México, não é? Mas decidiram fazer de um jeito que também se brincasse com esse medo que as pessoas têm de estarem perto do cemitério, perto dos mortos. E um jeito encontrado é ter uma parte, que é de brincadeira mesmo, de contos do terror, contos de enganar a morte, como os contos do escritor Ricardo Azevedo¹². Mas também tem uma par-



1933

te de discussão política sobre a morte. Já houve encontro sobre “Quem você quer ser quando você morrer?”, e era uma conversa sobre as lápides, o que você quer que esteja escrito na sua lápide. Já houveram encontros nos quais a roda de conversa foi sobre os direitos do morto, que direito um morto que teve uma mudança de nome, que recebeu um nome social, escolheu um nome social no decorrer de sua vida, e quando morre a família decide colocar o nome da primeira certidão de nascimento. Esse morto tem direito ou o corpo pertence à família? Nessa mesma discussão, foi trazido para roda uma crônica/conto, que acredito que tenha saído na Carta Capital, de uma

filha de um pai de santo que tornou-se evangélica, casou-se com um homem evangélico, e quando o pai morreu, ela decidiu retirar o corpo do terreiro e fazer a sua forma de celebração dentro da sua nova religião. Ela tem esse direito? Não vou nem dar spoiler aqui do conto, é bem interessante. Então, tem uma discussão política ali. O que nós fazemos, não é? É paradoxal? Sim, é paradoxal. Você está no lugar da morte, reinaugurando o tempo todo o começo. Quando nós chegamos em Parelheiros, quando criamos a biblioteca com os jovens, o desejo era reabrir a biblioteca da escola. Então criamos uma biblioteca comunitária que fosse pra mais gente, não só pra quem tem

Temos nos reinventando continuamente. Então acho que essa é a maior prova da nossa resistência, é que nós nos multiplicamos, nós temos ocupado os espaços, não de forma fácil, por vezes batendo na porta, outras vezes chutando a porta, e outras vezes construindo o nosso espaço com a nossa porta

Nasce Lélia González, antropóloga, filósofa, intelectual e militante da causa negra, em Bebedouro, MG

vínculo com a escola, por ser aluno, ou por ser familiar de um aluno. Uma biblioteca para mais gente. E essa biblioteca, ela vira um lugar de escuta da comunidade; ali surgiu uma cozinha de alimentação saudável, o empreendimento “As Amaras”¹³, turismo de base comunitária. Surgiu também o grupo “As Sementeiras de Direitos”. E essa biblioteca vai virando esse lugar de escuta, né? Aquela espiral que eu falei da Graciela Montes. Então vamos olhando quais são, de forma cada vez mais perplexa, para o que há dentro da comunidade e procurando construir as soluções. Nesse construir soluções, hoje o que nós temos junto com uma outra organização, que é o CPCD, que eu falei aqui no início, nós temos um centro de excelência em primeira infância. Não é um equipamento físico, mas sim um conjunto de ações que estão voltadas para transformar Parelheiros no melhor lugar para uma criança nascer, um lugar de excelência para o nascimento e para a primeira infância. Nesse momento nós estamos escrevendo o primeiro livro das crianças de Parelheiros. Somos 46 pessoas que se encontram semanalmente, uma vez por semana, para pensar esse livro com as imagens das nossas crianças com uma prosa poética pensada nelas, pra dizer: “aqui tem uma família leitora te esperando”. E as crianças vão sair da maternidade com esse livro. Você imagina, tudo isso começou dentro de um cemitério.

Então é isso, nós estamos ali o tempo todo discutindo e denunciando as mortes precoces, mas também anunciando e cuidando da vida, convocando a aldeia inteira para cuidar da vida.

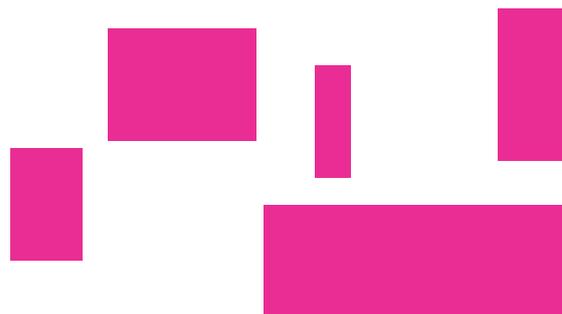
3X22: É mais do que urgente o resgate das referências negras nesse país, sabemos que elas existem e seus legados não podem ser apagados, mas podem ser ocultados. Dentro de sua fala no TEDx, em São Paulo, você cita Carolina Maria de Jesus quando ela diz que “ninguém pode apagar as palavras que eu escrevi”. Qual a maior dificuldade para vincular personalidades negras num país cuja mídia estampa majoritariamente pessoas brancas nas revistas, jornais e telenovelas, por exemplo?

B.M.: Olha, tem duas dificuldades, não é? Nós ocupamos todos esses espaços, e cada vez estarmos ali pra falar: “escuta, vocês sabiam que vocês estão em um país que mais da metade da população não é branca, vocês vão ter coragem mesmo de fazer essa mesa com brancos, e homens brancos?”. Essa é a dificuldade, não é? Tem que ser sempre nós, os negros (a), a estarmos lembrando que não dá pra fazer uma bancada de brancos para falar de racismo no Brasil, que não dá pra fazer, ou passar o ano inteiro, estudando uma literatura com todo um referencial bibliográfico só de brancos e depois, no mês de novembro, montar um evento de diversidade cultural e con-

1940

vidar os autores negros. Em todas as esferas a grande dificuldade tem sido essa dos brancos aceitarem, não é? Os brancos, os homens brancos, as mulheres brancas não se incomodarem de participar de eventos, de participar de publicações, em que são cem por cento brancos e não se perguntarem sobre isso. Esperar sempre “quem quiser que lute”, esperar sempre que os negros (a) tenham que estar ali apontando. Felizmente, faz parte de nossa resistência, nós estamos ocupando muitos lugares, as mulheres negras estão aí nas ciências, na literatura, estamos aí em profissões de ponta, estamos chegando também em profissões tradicionais, como juristas, engenheiras, mas o que falta é isso, não é? Cada um de nós, cada instituição se olhar e falar: “alguma coisa está estranha aqui, se a diversidade que tem lá fora não está aqui dentro”. E começar a se perguntar, não esperar que o negro(a) faça essa pergunta. E a outra forma dentro dessas dificuldades é ter gente jovem como vocês que estão envolvidos em produzir uma revista, em conversar com essas lideranças negras. Vocês já se encontraram com outras pesquisadoras, estudiosas, fazedoras, não é? Rosana Paulino¹⁴ foi uma das pessoas com a qual vocês conversaram. Então é criar espaços para que as nossas falas sejam registradas, olhar para os referenciais bibliográficos e ver que diversidade nós estamos trazendo. Nas bibliotecas comunitárias temos garan-

tido a bibliodiversidade. Esse projeto que falei sobre literatura e direitos humanos, os autores convidados a indicar dez livros, cada um deles recebeu uma consigna, e alguns tinham que indicar obras clássicas, e nesse pedido vinha que metade tinha que ser mulheres, escritoras. A uma outra pessoa pedimos que tivessem mulheres dos cinco continentes entre as obras indicadas. Para um autor que iria indicar somente autores negros, também que metade fossem mulheres. Então como é que garantimos essa diversidade nas coisas pequenas, porque nós diríamos que são pequenos os gestos, não é? Elas não são pequenas, são transformadoras. A bibliodiversidade vem nos dizer para olharmos como a biodiversidade. O que é biodiversidade? Você ter as várias formas de vida em equilíbrio. Nós estamos vivendo uma pandemia que fala muito também de desequilíbrio. Então como é que nós garantimos a ter livros de escritoras e escritores menos conhecidos, de editoras pequenas, juntos aos clássicos? E nós vamos em frente resistindo, tentando, criando, fazendo de nossa poesia um ato político e transformador.



Notas

1. Sebastião Rocha, ou Tião Rocha, é antropólogo, educador e folclorista mineiro, é fundador do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento.
2. Graciela Montes é escritora e tradutora argentina, autora livros para crianças, jovens e adultos.
3. Francisco Reginaldo de Sá Menezes, ou Xico Sá, é jornalista, escritor e comentarista cearense.
4. Biblioteca localizada na Rua Sachio Nakao, 28 Colônia Paulista/Parelheiros, São Paulo. Para mais informações, siga nas redes sociais @bccaminhosdaleitura.
5. Michèle Petit é antropóloga e pesquisadora francesa.
6. Silvia Castrillón é bibliotecária, autora e editora colombiana.
7. Maria Aparecida Bento, é Doutora pela Universidade de São Paulo no Departamento de Psicologia. Em 2002 defendeu a tese “Pactos Narcísicos No Racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público”. É autora de livros importantes, como “Cidadania em Preto e Branco” (2006), “Ação afirmativa e Diversidade no Trabalho. Desafios e Possibilidades” (2006), “Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil” (2017).
8. Criado em 1990, o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, CEERT- é uma organização não governamental que produz conhecimento, desenvolve e executa projetos voltados para a promoção da igualdade de raça e de gênero.
9. Grada Kilomba. Grada Kilomba, escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa reconhecida pelo seu trabalho que tem como foco, o exame da memória, trauma, gênero, racismo e pós-colonialismo e está traduzido em várias línguas, publicado e encenado internacionalmente.
10. Joseph-Achille Mbembe, conhecido como Achille Mbembe, é um filósofo, teórico político, historiador, intelectual e professor universitário camaronês. Sua obra Necropolítica ganhou destaque na antropologia brasileira através de sua consistência teórica com uma interpretação pontual do “Terceiro Mundo”. É um livro cada vez mais necessário no Brasil.
11. Helder Holiveira é idealizador do projeto “Afeto na Lata”, em parceria com seu filho Lucas Farias e o fotógrafo Fábio, o projeto consiste em transformar latas vazias de tinta spray em peças de arte, ao invés do simples descarte. Para saber mais, siga o Instagram.
<https://www.instagram.com/p/CB84sH3HU2v/>.
12. Ricardo Azevedo, escritor e ilustrador paulista, é autor de muitos livros para crianças e jovens, entre eles Um homem no sótão (Ática), A casa do meu avô (Ática), Aula de carnaval e outros poemas (Ática) entre outros.
13. O Coletivo Amaras é um grupo de mulheres coordenadas por uma agricultora orgânica, que estão diversificando a alimentação de suas famílias com alimentos orgânicos e plantas não convencionais (PANCs). Têm fornecido refeições em eventos, vendido produtos alimentícios na região e no centro de São Paulo. Em uma pequena agroindústria, criada como empreendimento social comunitário, têm articulado geração de renda à alimentação saudável.
14. Artista plástica que também está compondo com este Boletim.

1944

A universidade pública é para todos e outros contos de humor

COM THIAGO TORRES

@CHAVOSODAUSP

Thiago Torres: Salve, salve! Meu nome é Thiago Torres, sou estudante de Ciências Sociais da USP, moro em Guarulhos e também tenho um canal no YouTube chamado Chavoso da USP¹.

3X22: Por que ainda em 2020 a Universidade, especialmente pública, é um espaço majoritariamente branco e elitista? O sistema de cotas é suficiente para tentar reverter essa situação? Se a Universidade não é para todos, para quem e por que ela se destina?

T.T.: O caráter elitista das universidades públicas é um negócio histórico. Desde que as universidades começaram a ser construídas no nosso país, elas sempre foram pensadas para a elite. A Universidade de São Paulo é um exemplo muito claro disso. Eu a considero como a universidade mais elitista do Brasil, e por vários motivos, que não cabem ao momento. Esses espaços sempre serviram para formação intelectual e para a manutenção de um status social, status de privilégios da

classe dominante deste país. Só muito recentemente, conforme os movimentos negros e indígenas ganharam força e espaço para falar, as nossas lutas começaram a ter certos efeitos. Até poucas décadas atrás, as universidades tinham 2% de alunos negros, ou até menos. Com a implementação das cotas raciais, essa quantidade vai aumentando cada vez mais. Com a criação do Enem isso também vai aumentando a quantidade de alunos não somente negros, mas também alunos pobres e periféricos em geral. A USP foi a última, ou uma das últimas universidades públicas a implementar as cotas. A nossa entrada é muito recente. Eu, particularmente, entrei no primeiro ano das cotas raciais, apesar de não ter entrado por elas, entrei pelo SISU, pela cota de estudante de esco-

1946

la pública. Assim, podemos ver como esse tipo de política afirmativa tem um papel muito importante para colocar a gente dentro da universidade. Porém, ela não é suficiente. As cotas são medidas paliativas muito importantes, mas superficiais. Por exemplo, de nada adianta entrarmos na universidade se não conseguirmos nos manter lá dentro. Ter cotas para entrar, mas não ter políticas de permanência estudantil, não surte efeito realmente válido, um efeito profundo, tá ligado? Vários outros problemas continuam existindo na sua educação básica e na sua vida escolar como um todo, que vão dificultar lá na frente. Então só implementar cotas na hora do vestibular, mas não tentar alguma coisa para acabar com essas desigualdades que vêm antes, continua sendo superficial. Tem muita coisa atrás disso, muitos problemas que precisam ser resolvidos de uma forma muito mais aprofundada, mas no momento as cotas são bastante importantes sim.

3X22: Com as atuais recomendações de isolamento social, o ensino à distância foi adotado em diversos estados como alternativa à continuidade do ano letivo em vários estágios da educação. Em um país de abismos sociais, muitos alunos não possuem acesso à internet, a um ambiente propício aos estudos ou estão enfrentando incapacidade de

dades econômicas provocadas pela recente crise promovida pela pandemia de Covid-19. Como estudante, como você avalia essa situação?

T.T.: Desde quando essa pandemia começou, ela trouxe vários problemas sociais à tona, porque ela mostra como pessoas mais pobres, periféricas e negras são as mais prejudicadas por ela. Isso em todos os sentidos, desde a área profissional, relacionados ao trabalho, no qual muitas pessoas não podem parar de trabalhar, até a área do estudo, no qual pessoas pobres, periféricas, que não têm acesso à internet ou não têm um lugar para estudar em casa, continuam sendo as mais prejudicadas. No caso da USP, os moradores do CRUSP², que não têm wi-fi, nem máquinas de lavar, fogão e várias outras coisas, estão tendo uma série de dificuldades para manter a sua graduação no momento. Acho muito problemático, muito lamentável essa tentativa de continuar o semestre a todo custo com o EaD, porque tem muito aluno ficando para trás por causa disso. Eu mesmo suspendi meu semestre logo que começou a pandemia, excluí as matérias porque vi que não teria condições de seguir com ele. Mas as aulas continuam seguindo normalmente. Muitos professores estão passando lista de chamada, prova, avaliações e outras coisas. Isso em relação à USP e à Universidade. Mas em relação aos estudantes do Ensino Médio, princi-

Nasce a filósofa Aparecida Sueli Carneiro Jacoel, em São Paulo, SP

palmente os que vão fazer o Enem, a situação ainda é pior e mais lamentável, essas pessoas vão ser ainda mais prejudicadas e muitas delas não vão conseguir entrar na universidade.

3X22: Nós estamos num período de desgoverno político. Temos um presidente negacionista, e um ministro da educação que descaradamente expressa seu ódio não só aos povos indígenas quando tenta resumir tudo ao “povo brasileiro”. Mesmo com o crescente número de infectados e mortos, vítimas do novo coronavírus, o Ministério da Educação adotou medidas relutantes em relação ao adiamento do Enem, colocando inclusive uma propaganda com os dizeres “Estude, a vida não pode parar”. Em outra declaração, o atual ministro disse que o “Enem não é feito para corrigir injustiças sociais, é para selecionar as melhores pessoas”. Tendo isso em vista, como podemos pensar maneiras de reverter a lógica de exclusão ao acesso à educação superior?

T.T.: Como eu falei, a universidade, o ensino superior e o ensino, de modo geral, né, mano, a educação, de modo geral, sempre foi um privilégio. Nas últimas décadas isso tem mudado, mas continua sendo um privilégio. Quando entramos nessa onda de governos neoliberais, a tendência é que a situação piore. Porque é um tipo de governo que está nem aí mesmo para

as pessoas mais pobres e periféricas e negras. A política desse tipo de governo e dessas pessoas é uma política de morte. Vemos a política do atual governo, o Ministério da Educação, dando esse tipo de declarações absurdas, de que o Enem não é para corrigir injustiças, fazendo propaganda de que os alunos têm que “se virar” para estudar. É muito lamentável e muito revoltante esse tipo de coisa, porque o Enem era para ser justamente essa ferramenta de integrar as pessoas pobres e a universidade. Eu sou um exemplo disso, entrei graças ao SISU na USP, se não fosse o SISU ou eu não teria entrado ou teria passado muitos anos tentando passar pela FUVEST, que para mim é o vestibular mais elitista. É muito triste que a gente esteja passando por esse tipo de governo que quer destruir o Enem, destruir a educação, mais ainda, porque a educação básica vem sendo destruída há bastante tempo. É muito triste e muito revoltante, precisamos fazer algo. Não dá para simplesmente se calar e deixar essas coisas acontecendo.

3X22: Historicamente, a periferia, como agente de produção, seja social, cultural e intelectual, pouco perpassa os ditos muros da universidade e dificilmente consegue compartilhar e acessar a produção assumida como verdadeiramente intelectual. Você pode citar alguns exemplos de trabalhos intelectuais

1951

originários da periferia e que invertem a lógica de busca por legitimidade acadêmica para se consagrarem?

T.T.: Justamente pelo fato das universidades terem sido historicamente pensadas para a classe dominante, elas têm um distanciamento muito grande da periferia. Tanto no sentido geográfico, porque as maiores universidades geralmente estão nos centros das cidades, quanto no sentido simbólico, pelo fato da gente não conhecer pessoas que estudam nelas, da gente não poder ir até elas e delas não virem até nós. A periferia, historicamente, sempre produziu seu próprio conteúdo, ou é obrigada a receber o conteúdo que vem ou da televisão ou dos veículos de comunicação hegemônicos. Mas a gente também produz conteúdo, conhecimentos, cultura, seja através da música, como o rap, o funk, o samba e vários outros ritmos. Acredito que esse tipo de produção do conhecimento é tão válido quanto o conhecimento acadêmico. Ele também nos ajuda a conhecer nossa vida, a entender o mundo, a se entender no mundo. Não é somente através da leitura de livros acadêmicos ou de uma graduação que a gente vai entender a sociedade. Podemos entendê-la de outras formas, acredito que o ideal seria conciliar essas duas coisas, é justamente o que faço. Mas precisamos sim valorizar, por exemplo, grandes obras de rap, ál-

buns com bastante crítica social, que fazem sim as pessoas entenderem melhor o mundo e refletir melhor sobre a sociedade. Produções feitas por pessoas periféricas, como Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, é um marco na nossa história, além de muitas outras obras. Felizmente temos bastante produtores de conteúdo periférico, principalmente hoje em dia, com a internet. Esse tipo de produção de conteúdo precisa sim ser reconhecido como válido.

3X22: Para além do fetichismo acadêmico e do falso exemplo meritocrático, que adota exceções como possibilidade de ascensão social, como esses outros pontos de vista, oriundos de populações marginalizadas, podem fomentar o próprio desenvolvimento acadêmico e intelectual? Vozes por tanto tempo caladas podem ainda serem ouvidas?

T.T.: Existem várias formas de se entender o mundo, de se entender no mundo e na sociedade, tanto as formas acadêmicas, quanto as não-acadêmicas e acho que as duas podem conversar muito. Ambas possuem muito a agregar e saem ganhando muito quando uma ouve a outra, quando uma troca com a outra. Isso não tem sido feito de uma forma muito eficaz. A academia, a universidade tem uma relação com a periferia muito exótica, de não entender realmente como funciona esse lugar. Mas não acredito que seja falta

1969

de ir até lá, de estudar aquele lugar. Porque mano, isso não te faz ter aquele conhecimento ou aquele sentimento real de quem é lá. A solução para isso é justamente ter mais pessoas da periferia entrando na universidade. São essas pessoas, é a gente, que têm esse poder de fazer essa troca realmente acontecer de maneira eficaz. Nesse

momento em que conseguimos entrar mais na universidade, estamos levando nosso conhecimento e ajudando a mudar a universidade por dentro, além de trazer outros conhecimentos para ajudar a mudar aqui [periferia], permitindo esse movimento de troca, como dito, muito importante.

Notas

1. Confira: <https://www.youtube.com/channel/UCKWus46Vy8gwf1rRLu4II0w>.
2. CRUSP é o Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo, localizado na Cidade Universitária da capital paulista, fundado em 1963, palco de diversas disputas por moradia estudantil e que atualmente vem sofrendo, e muito, com as consequências da pandemia de COVID-19.

O caráter elitista das universidades públicas é um negócio histórico. Desde que as universidades começaram a ser construídas no nosso país, elas sempre foram pensadas para a elite.





(IN)VISIBILIDADES

Fundação do Instituto de Pesquisas da Cultura Negra (IPCN), Rio de Janeiro

A negritude em tela

POR ALEXSANDRO DE SOUSA E SILVA

O cinema se desenvolve no final do séc. XIX, do mundo ocidental para o mundo. No mesmo período, em terras brasileiras, negros e negras seguiram sua sorte nas cidades e pelos campos adentro após a longa experiência da escravidão. No mesmo momento, imigrantes europeus desembarcaram aos milhares nos grandes portos das regiões Sul e Sudeste, pois as autoridades brasileiras incentivavam a migração a fim de aumentar a população branca. Essa ampla conjuntura delimita o nascimento de um processo conflituoso entre o audiovisual e a presença de pessoas negras nas telas que, de modo geral, segue ainda hoje em prejuízo de todos e todas. Esboçaremos aqui um olhar abrangente sobre esse longo processo histórico, mencionando alguns títulos que podem introduzir o leitor e a leitora ao tema.

No chamado cinema silencioso, até o início dos anos 1930, prevalece uma visão de mundo baseado em modelos europeus da *belle époque*, com exibição de cenas urbanas e arquitetura clássica, no plano da cultura material, e da vida aristocrática, no social.

Pessoas negras estavam nas margens da tela, enquanto, majoritariamente, o patriarcado branco era o principal polo de atenção das câmeras. Tal decupagem evidencia que um dos objetivos dos filmes era voltar-se a um público que se via representado em tela, ou aquela era apresentada como um modelo a ser seguido. Por outro lado, João Carlos Rodrigues (2001) e Noel dos Santos Carvalho (2005) recordam títulos que davam algum destaque aos negros e negras em tela, como os documentários *Dança de um baiano* e *Dança de capoeira* (ambos dirigidos por Afonso Segreto, 1899 e 1905) e as reportagens sobre a Revolta da Chibata (1910), além de ficções como a adaptação *Os guaranis* (Antonio Leal, 1908), com o protagonista indígena encenado pelo comediante Benjamin de Oliveira, do Circo Spinelli. Não eram apenas os negros que eram excluídos. Assim como a maioria dos filmes silenciosos até 1930, esses títulos estão desaparecidos.

Nas décadas de 1930 a 1950, houve uma gradual presença de negros e negras nas telas. Os debates intelectuais sobre as heranças africanas no país

1978 O ator Grande Otelo recebe o título de Cidadão Paulistano

projetaram um novo olhar sobre a cultura popular, com ampla divulgação do samba via rádio, em plena expansão no Brasil desde os anos 1920, e do cinema sonoro, desde o final da mesma década. Prevaleram os musicais e, mais tarde, as comédias musicadas (chachadas): instrumentistas negros encenavam as trilhas sonoras enquanto intérpretes, e mulheres brancas e mestiças cantavam as canções popularizadas pelas rádios. Mas se quisermos encontrar algum protagonismo negro, temos que avançar a cronologia. Alguns esforços no sentido de conferir representações mais “realistas” da vida dos mais humildes faz com que temas tabus ganhem alguma projeção. Assim, destacamos os filmes *Também somos irmãos* (Luis Carlos Burle, 1949) e os primeiros longas de Nelson Pereira dos Santos, *Rio 40 graus* (1954) e *Rio zona norte* (1958). As três obras compartilham características comuns, a citar: membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na produção e realização (roteiro de Alinor Azevedo e o próprio Nelson); atores e atrizes negras (Grande Otelo, com experiência no teatro e no cinema com as chachadas, e Ruth de Souza que vinha dos palcos do Teatro Experimental do Negro; representações “neorrealistas” das favelas; e o tema do racismo, tema que dificilmente é reconhecido publicamente e abordado com algum rigor.

Nos mesmos anos 1950, surgem a televisão e seus programas. Dentre estes, as telenovelas seguiram a matriz melodramática, tão ao gosto nacional desde o teatro de revista, novelas radiofônicas e o próprio cinema. No entanto, as primeiras telenovelas não contavam com atores e atrizes negras no elenco, ou os relegavam a papéis secundários ou terciários, reiterando um paradigma de representação das grandes telas. Demoraria décadas para que houvesse algum destaque negro nas narrativas, gerando reações contrárias por parte do público, o que termina por reiterar o racismo estrutural. A título de exemplo, lembramos que a primeira personalidade negra das telenovelas foi Isaura Bruno, que interpretou Mamãe Dolores em *O direito de nascer* (1964-1965, TV Tupi SP e TV Rio). Como lembra Joelzito Araújo (2000), a atriz não teve a carreira reconhecida e faleceu na pobreza, destino comum entre negros e negras no audiovisual.

Desde o final dos anos 1950, o chamado Cinema Novo, movimento cinematográfico que teve como principal ideólogo e entusiasta o diretor baiano Glauber Rocha, abriu espaço para outras representações dos negros e negras em tela. Assim, surgem os nomes que construíram carreira no ramo, como Antônio Pitanga, Zózimo Bulbul, Luíza Maranhão, Zezé Motta, entre tantos outros. O próprio Glau-

O programa “O Samba Pede Passagem” foi ao ar pela primeira. Foi o primeiro programa de rádio no Brasil a dedicar-se exclusivamente ao samba

ber dirigiu *Barravento* em 1962, filme que divide opiniões entre especialistas: para uma parte, como João Carlos Rodrigues, justificando-se pelo texto inicial da narração em letreiros, a obra retrata o preconceito dos intelectuais sobre as religiões de matriz africana, no caso o candomblé ketu; mas para outra parte, como o crítico Ismail Xavier (1983), a narrativa abre espaço para a ambiguidade da representação, pois o personagem Firmino (Antônio Pitanga) vale-se da lógica ancestral para fazer com que Aruã (Aldo Teixeira) crie uma consciência de classe. Glauber Rocha também inova na representação dos povos negros africanos, por meio do longa-metragem *Der leone have sept cabeças* (1970), filmado no Congo-Brazzaville. Apesar dos limites do Cinema Novo, como a falta de diretoras(es) negras(os), muitos filmes marcaram uma virada em termos da presença negra em tela.

As produções majoritárias dos anos 1970 foram as comédias eróticas, vulgarmente conhecidas como “pornochanchadas”, que contavam com representações contestadas dos corpos negros, homens ou mulheres. No entanto, vale lembrar que *As aventuras amorosas de um padeiro* (Waldyr Onofre, 1976), incluído no “gênero”, traz diversos questionamentos sobre os estereótipos, os racismos e as representações das mulheres. Nessa década, aparecem títulos que merecem destaque na história do cinema feito

por negros e negras. *Compasso de espera* (Antunes Filho, 1970) conta a história de Jorge (Zózimo Bulbul), funcionário de uma empresa de propaganda, que lida com o racismo em suas mais diversas esferas: social, intelectual, laboral. O filme permaneceu anos “preso” pela censura e quando saiu em 1973 não houve grande repercussão. Com o material que sobrou das filmagens, Bulbul faz o primeiro filme dirigido por um negro, o curta metragem *Alma no olho* (1973). Trata-se de uma narrativa não-realista, interpretada pelo mesmo, que remete a uma história de longa duração sobre os negros, da escravidão à necessidade de uma real libertação.

Nos anos 1980, a primeira produção audiovisual dirigida por uma mulher negra chega às salas de cinema. Trata-se de *Amor maldito* (1984), dirigido por Adélia Sampaio, que retrata uma trágica história de amor entre duas mulheres brancas e o julgamento social e institucional do relacionamento. Apesar de não haver protagonismo negro em tela, a cineasta lembra-nos que a pressão contra a diversidade de gênero é tão agressiva quanto sobre não-brancos. Debates contemporâneos vão pensar na transversalidade para denunciar essas exclusões. A partir do centenário da (suposta) abolição da escravatura no Brasil, em 1988, diversas produções buscaram pensar a história dos negros e negras. *Abolição*, de Zózimo Bulbul, possui três horas

O Bloco Afro Olodum é criado, em Salvador, BA

de projeção para buscar um retrato fidedigno a partir de relatos de protagonistas históricos desse passado de históricas lutas dos movimentos negros do séc. XX, até então pouco retratado. O filme possui estética menos radical da exibida em *Alma no olho* e, segundo especialistas, o longa não teve grande adesão nem mesmo entre militantes. Desse período, nosso destaque fica para o filme-ensaio *Órí*, de Raquel Gerber, com reflexões conduzidas pela historiadora Beatriz Nascimento, cujo legado vem sendo resgatado nos últimos anos.

Em 2000, o chamado Dogma Feijoada, com seu manifesto “Gênese do cinema negro brasileiro” e exibição de curtas, fez com que Jeferson De se tornasse um nome a despontar no meio audiovisual. O cineasta denunciou a falta de negros no cinema, seja na direção ou nos papéis principais. Ao longo da década, surgiram curtas-metragens dedicados ao tema, tendência que veio desde os anos 1990.

Desde o final dos anos 2000, crescem as produções audiovisuais dirigidas por LGBTQ+, cujas sensibilidades são exploradas em tela. Em conexão com esse movimento, as mulheres negras se afirmam a cada ano, constituindo-se uma vanguarda do cinema nacional. Em geral, são curta-metragens, marcados pelo experimentalismo e pela vontade de narrar suas experiências. *Kbela* (Yasmin Thayná, 2015) e *Travessia* (Safira Moreira, 2018) são os grandes destaques.

Esta leitura “voo de pássaro” pontuado por títulos de filmes não permitiu debruçarmos sobre encontros, festivais, coletivos, polêmicas e diversas iniciativas que vêm crescendo no país. Por fim, podemos dizer que o espaço ganho pelo audiovisual para projetar pessoas negras na tela é fruto de uma luta que ainda segue seus passos e, felizmente, ganha força mesmo em momentos antidemocráticos, característicos da nossa história.

Alexsandro de Sousa e Silva é bacharel e licenciado em História pela Universidade de São Paulo; mestre e atualmente doutorando em História Social pela mesma instituição

Referências

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Senac, 2000.

DE, Jeferson (org). *Dogma Feijoada: O cinema negro brasileiro*. São Paulo: Cultura – Fundação Padro Anchieta, Imprensa Oficial, 2005.

RODRIGUES, João Carlos. *O negro brasileiro e o cinema*. São Paulo: Pallas, 2001.

XAVIER, Ismail. *Sertão mar: Glauber Rocha e a estética da fome*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Figura 1: Fotografia de Os guaranis, de Antonio Leal, 1908. Fonte: <<https://www.metropoles.com/tipo-assim/benjamim-de-oliveira-o-primeiro-palhaco-negro-que-o-brasil-esqueceu>>. Acesso em: 09 mar. 2020.



Figura 3: Celebração do protagonismo feminino negro. Instantâneo da filmagem de Kabela, de Yasmin Thainá, 2015. Fonte: <<https://cdn.jornalgrandebahia.com.br/2018/01/Kbela-da-cineasta-Yasmim-Thayna%CC%81.jpg>>. Acesso em: 09 mar. 2020.



Figura 2: Zumbi segura a lança e o fuzil. Frame de Der leone have sept cabeças, de Glauber Rocha, 1970. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=4fVfSysNKoM>>. Acesso em: 09 mar. 2020.





A referência preta na cultura pop

COM @LISTA PRETA

Alexandre Silva de Santana
Atailon da Silva Matos Silva

Lista Preta: O lista preta é uma plataforma composta por perfis nas redes sociais (Twitter e Instagram) e também um podcast. A nossa premissa é trazer referências de protagonismo negro ao redor do mundo em diversas áreas e temas; falamos sobre cultura pop, música, cinema, fotografia, artes e arquitetura, além de abordar debates sobre questões raciais. O projeto é voltado para todos que se interessam por cultura popular, mas principalmente ao público negro buscando conectar e midiaticar nossas narrativas e trabalhos às próprias pessoas da nossa comunidade no sentido de nos fortalecer cada vez mais, disputando também esse espaço da comunicação dominado majoritariamente pela branquitude. Criado por Alexandre Santana, hoje o Lista Preta é também construído e composto por Atailon Matos, Clara Marinho, Matheus Vital e Jader Theopilo.

3X22: Como são feitas as pesquisas para a divulgação de conteúdo? Por que ainda é difícil encontrar referências pretas na cultura pop?

L.P.: Os temas abordados nos atravessam constantemente, muitos partem da nossa própria experiência enquanto negros e negras em um sistema racista. Pesquisas são elaboradas acompanhando as discussões fomentadas nas redes sociais, notícias e acontecimentos sempre perpassados por um resgate histórico, se debruçando em referenciais de pensadores e autores negros e negras. As redes sociais são

nossa principal ferramenta, dentre elas podemos destacar o *Twitter* por promover uma maior abertura e disseminação de conteúdo; é nessa rede social que mais dialogamos com nossos leitores e temos mais acesso a conhecer os trabalhos desenvolvidos por outras pessoas negras. É difícil encontrar referências pretas, primeiro, porque os espaços ainda não foram ocupados, diariamente recebemos pedidos de divulgação de diversos profissionais na arte e comunicação que ainda estão batalhando por oportunidade e visibilidade; segundo, porque falta inte-

A subestimação da cultura popular está ligada às mesmas configurações racistas que desumanizam a população negra.

resse à atenção por parte dos veículos midiáticos e das pessoas, mas isso tem melhorado à medida em que pessoas pretas desenvolvem essa consciência de que é importante consumir o trabalho dos nossos irmãos, e essa rede de apoio só cresce.

3X22: Vocês discutem temas como whitewashing, interseccionalidade, estereótipos racistas e etnocídio ao mesmo tempo que apresentam músicas, filmes, moda seriados e livros. Como conciliar temáticas tão complexas com assuntos vistos por muitos como banais, considerados inclusive como inapropriados para possuírem um Ministério próprio, e levada aos trancos e barrancos por sua Secretaria em Brasília?

L.P.: A proposta inicial do Lista Preta era unicamente ser uma página de cultura pop para pessoas pretas, uma válvula de escape em meio ao mar de notícias pesadas com as quais temos que lidar todos os dias, só que no meio do percurso a gente percebeu que não dava pra ser só isso. Temos uma audiência muito jovem e interessada e essa plataforma precisava ser usada para promover reflexão sobre alguns temas e também denúncia. Acho que

o nosso público já entendeu bem isso, não dá pra falar de cultura preta e de protagonismo negro sem discutir as questões que fazem a gente precisar de um perfil como o Lista Preta hoje. A razão da gente existir e ter tanta audiência é que nos faltam referências, acessos e visibilidade; se o contexto fosse outro seríamos apenas mais uma página que fala sobre cultura pop. E sobre a Secretaria de Cultura, não dá pra esperar muita coisa de um governo liderado por um criminoso genocida e racista, mas também não dá pra ignorar que para pessoas pretas governos anteriores também falharam. E isso não só nas políticas de incentivo e promoção da nossa cultura, mas em todos os aspectos.

3X22: O pop é uma manifestação cultural subestimada? Por quê?

L.P.: A cultura pop ou popular, principalmente no Brasil, sempre foi construída pelas mãos do povo negro, que constantemente sofre com a criminalização das suas práticas, das suas manifestações culturais, religiosas e também pela desvalorização e deslegitimação do seu conhecimento. O funk, o pagodão, o bregafunk, a periferia, a favela, o subúrbio, as religiões

Lei nº 7437/85 Estabelece como contravenção penal o tratamento discriminatório no mercado de trabalho, por motivo de raça/cor

de matriz africana são inferiorizados nesse sistema de construção do racismo que subestima e desvaloriza qualquer produção negra para ser passível de serem violentados, tanto simbolicamente, quanto fisicamente e assim serem anulados. Se você tira a cultura de um povo, você tira deles uma das principais condições de existência e expressão enquanto humanidade. A subestimação da cultura popular está ligada às mesmas configurações racistas que desumanizam a população negra.

3X22: A internet, ao mesmo tempo que possibilita redes de contato negras, com discussões, desabafos e compartilhamento de informações, também escancara uma lógica de ódio à populações historicamente marginalizadas no país. Nesse contexto, qual o papel das redes sociais na luta antirracista? Atualmente elas são um palco importante para essa causa?

L.P.: São e não dá pra negar isso. As redes sociais têm sido uma importante ferramenta para trazer visibilidade e dar voz às pessoas pretas. O ódio sempre esteve ali, a diferença é que cada vez mais pessoas têm tido acesso às nossas questões e o nosso discurso tem sido amplificado; conseqüentemente estamos alcançando mais pessoas e promovendo debates. Ainda estamos longe de chegar lá, mas esse tem sido um passo fundamental nessa construção.

3X22: Vocês podem indicar um filme ou um álbum para quem tiver interesse em conhecer um pouco mais sobre a história do movimento negro no Brasil?

L.P.: Acreditamos que não dá pra falar do movimento negro como “unidade”, são movimentos negros. Mas tentando fazer uma síntese ao estilo Lista Preta, vamos de lista bem no estilo que a gente curte fazer:

1. Tem esse projeto interessantíssimo no youtube, o “Cultne - acervo digital de cultura negra”, que tem um compilado de materiais a respeito da história dos movimentos negros no Brasil, entre eles um registro de uma palestra do Mestre Yedo Ferreira sobre a história do movimento negro. 2. Uma outra dica é o documentário “Cidade de Deus 10 anos depois”. 3. Tem também o filme “Branco sai, preto fica”, que retrata o apartheid social mesclando ficção científica e documentário em Brasília (Disponível na Netflix). 4. Mais um documentário importante, “O Caso do Homem Errado”, de Camila de Moraes. 5. No quesito álbuns, acho que temos um bom recorte com esses cinco aqui: *Sobrevivendo ao inferno*, do Racionais mc’s; *Cincos sentidos e Fogueira Doce*, de Mateus Aleluia; *Do cóccix até o pescoço*, de Elza Soares; *É questão de cor*, de Indy Naíse; e *Ladrão*, de Djonga.

Criada, por meio da Lei nº 7.668, a Fundação Cultural Palmares, instituição pública vinculada ao Ministério da Cultura que tem como principal atribuição promover a valorização da cultura negra

Linguagens, Línguas e Literaturas: novas formas de ligação, lirismo e libertação (?)

COM LINN DA QUEBRADA

Linn da Quebrada: Eu sou Lina Pereira. Também conhecida como Linn da Quebrada. Linda que brada. Sou artista multimídia, cantora, atriz, atroz, apresentadora do programa TransMissão, no Canal Brasil. Sou uma artista do corpo e da “linnguagem”. Meu trabalho parte de mim, do meu corpo, das minhas experiências e vai de encontro ao mundo, com seus tensionamentos e relações. Sou minha própria obra. De fricção. Busco fazer dos meus atravessamentos e da minha identidade meu amuleto, não muleta; parafraseando aqui também Castiel Vitorino. Soul uma legião. Não sou filha, nem sou filho. Sou falha da pátria. Trava. Obra das trevas. A nova Eva. Com muito Prazer.

3X22: Desde 1597, com o surgimento dos primeiros quilombos, o lugar do negro na sociedade brasileira é contestado. Em 1837, Nísia Floresta já discutia o papel exercido por mulheres. Em 1958, Miss Biá, por meio da arte, já brincava com gênero. Entre outros tantos exemplos, por que em 2020 questões de raça e gênero são lidas como *novas vozes*? É preciso validação do sistema predominante para que essas lutas, mais antigas que o Brasil, sejam consideradas existentes?

L.D.Q: Talvez seja porque o sistema, esse sistema cisheteronormativo, ten-

te insistentemente nos fazer esquecer daquilo que já não podemos mais lembrar. Quem somos? Apagar nossa memória, nossos rastros, nossos rostos, nossas fotos. Protegendo fetos & disfarçando fatos. Nossas histórias, tão plurais e singulares quanto cada uma de nós. Acredito que a história em si seja espiralada. Se estamos aqui, isso é justamente fruto de uma longa caminhada anterior. De uma disputa que não começou agora e, infelizmente, não termina aqui. Disputa de narrativas. E como o sistema mantém - ou mantinha - o controle dos principais meios de comunicação oficiais, dos



2003

livros, da TV, da música, era mais difícil inscrever e espalhar a informação. Hoje, com a internet e para além dela, estamos construindo nossas próprias redes. Fugindo das velhas iscas e anzóis. Hackeando saberes e informações. Não precisamos da sua validação e legitimidade, muito pelo contrário, eles precisam da nossa. Temos entendido o peso e o valor de nossos corpos. Temos tensionado o tecido político e negociado com esse mercado. Está cada dia mais insustentável fingir que não existimos ou que nossas produções não têm relevância. A nossa presença se faz fundamental para que haja uma real alternância de poder e movimento. Para romper com o mito de uma única história. Uma disputa contínua pelo presente. Para continuar se lembrando e levando essas e outras narrativas adiante. De agora e de antes.

3X22: Como a arte potencializa manifestos, lutas e gritos de ordem (ou caos)? Ela atua mais como válvula de escape dos pensamentos individuais e serve para contemplação estético-filosófica ou ela forma matriz para transformações reais nas estruturas de opressão e apagamento histórico?

L.D.Q.: Arte se faz praticando. Ela é o que faz, o que produz, o que forja. O que se propõe a partir das pessoas que a potencializam. Das dúvidas que levanta ou das verdades que consolida. Eu, particularmente, acredito que

a arte possa sim ser reflexo do mundo, mas acredito que um dos seus principais papéis seja não só o de reproduzir o mundo tal qual ele é, mas também de produzi-lo dessa maneira. Podendo, portanto, produzir novos e outros projetos de mundo. Arte como espelho, mas também como martelo. Cindindo com o pacto narcísico da branquitude cisgênera e normativa. Evidenciando suas falhas. Seus fracassos. Seus desvios. A arte é uma ferramenta. E seus efeitos dependem estritamente de quem a manipula e quais os objetivos engendrados. Podemos através dela reiterar verdades absolutas e obsoletas, ou contagiar outras com o vírus da dádiva da dúvida e da vida dividindo a dívida histórica que carregamos sem nem ao menos perceber. Espalha e espelha. Vírus que pode vir a se tornar antídoto. Mas, ainda assim, não é certeza de que alcançaremos nossos objetivos. Há uma série de outros fatores que devem ser levados em consideração. Eu sigo dessa forma. Sendo ao mesmo tempo a médica e a monstra. Cobaia de minhas próprias experiências. Tomando de meu próprio veneno. Fazendo com que o feitiço se volte contra a própria feiticeira.

3X22: A linguagem, assim como as diversas pautas e reivindicações, é alterada, intencionalmente ou não, ao longo da história e da geografia. Hoje, qual é a linguagem predominante e quais seriam as línguas ideais?

Taís Araújo, no papel de Preta, foi a primeira protagonista negra de uma telenovela da Rede Globo em *Da Cor do Pecado*, de João Emanuel Carneiro

L.D.Q: A língua é viva e mortal. Mortífera e fugaz. Acredito que hoje a linguagem predominante seja a da babilônia. Fragmentada e decodificada para proteger e restaurar. Línguas informais e deformadas. Desobedientes e desgovernadas, como nós. Imagética e corporal. Feita para proteger e dar continuidade à nossa história, mas com o tempo de vida de uma efeméride, incorporando o presente e impedindo que seja cooptada e compreendida por aqueles que não precisam entender. Linguagem de resistência. Como o pajubá, que se refaz a cada dia e a cada nova geração, buscando construir novas fórmulas e equações linguísticas que deem conta da nossa experiência. Em vão. E por isso continuamos nos movendo.

3X22: A literatura e a música são importantes meios pelos quais opiniões, críticas e constatações de estado da arte são cravadas (ou eternizadas) na grande linha da história. Contudo, várias barreiras foram construídas para separar a oralidade da forma escrita. Em 2019, com entrada de *Sobrevivendo ao Inferno* na lista de obras literárias do vestibular da Unicamp, esse muro foi ligeiramente abalado, principalmente para os jovens. Para você, esse afastamento é frutífero? A sua música pode ser considerada como manifestação literária?

L.D.Q: É frutífero apenas para nos fazer dependentes de agentes mediadores que podem ou não contar a história segundo seus próprios interesses. Pra mim e outras como eu, não são nada frutíferas. Muitas vezes não são nem compreensíveis. Precisamos nos ver apresentadas, inscritas e transcritas nas linhas e entrelinhas dessa história. Entender do que estão falando e, principalmente, poder intervir. Pois, aliás, somos agentes e somos “as gentes” que estão construindo novas rimas, novos rumos, e no fim deve ser nós quem rimos. Eu comecei esse diálogo entendendo que a minha música já é manifestação literária. Se vocês não a entendem assim, alguém está bem equivocado aqui. E dessa vez posso garantir que não sou eu. Minha música é tradução das minhas experiências. E por isso mesmo é também traição. Eu não tenho compromisso algum de fidelidade com a realidade. Exponho a contradição que a tradição não suporta e, por isso, ela tenta e falha miseravelmente em me afastar.

3X22: O constante questionamento do eu, a sensação de despreendimento, isolamento e impotência, a fluidez ou inexistência de verdade, a incessante (e vã) busca por reafirmação são elementos vistos (e sentidos) por muitos como características de nosso tempo. Pós-verdade, pós-modernidade, pós-colonialismo, pós-humanismo, foram alguns



2018

dos nomes dados à esse estado de mal estar coletivo. Como ser (e fazer) em um tempo de pós-ser? Existem pós-sibilidades para o reencontro do eu e do mundo?

L.D.Q: Para existirem, essas pós-sibilidades têm de ser inventadas. Tão forjadas quanto nós, desatando. As teorias que estão aí para serem superadas. Entre o pós & o pré há o convite: entre. Presente. Aqui e agora. Sente-se. Mas não fique tão à vontade. Creio que a fluidez, os questionamentos, a inexistência de verdade, ou melhor, a exploração das produções de verdades - exploradas em seu duplo sentido: como quem pesquisa e como quem visa extrair lucro -, tudo

isso faça parte do movimento da vida. De quando abandonamos as certezas que crescem como terceiras pernas, fazendo de nós tripés estáveis e estáticos. Fixos. Dando-nos segurança, mas nos mantendo também no mesmo lugar. Precisamos sair do eixo. Nos desestabilizar. Encontrar movimento. Levantar para cair e fazer da queda nosso contragolpe. A segunda queda. À beira de si mesmas. Estar dispostas a matar e morrer. Matar em nós o que nos mantém constantemente quem já somos. Quem já foram e quem já fomos. Nos tornando e transtornando. Romper com o ciclo vicioso de apego à própria existência. Pré-pós. Sem ressurreição. Já.

*Arte como espelho,
mas também como martelo.
Cindindo com o pacto
narcísico da branquitude
cisgênera e normativa.
Evidenciando suas falhas.
Seus fracassos.
Seus desvios.
A arte é uma ferramenta.*





nós precisamos

DE VOCÊ!

A Redacção do **BOLETIM 3X22**, a fim de cultivar a pluralidade em suas publicações e estimular a produção cultural, busca por produções artísticas e/ou intelectuais externas e independentes para divulgar em suas páginas.

Se você quer divulgar artigos, ensaios, poesias, crônicas, fotografias, pinturas ou qualquer outro tipo de produção científica, literária e/ou artística com um formato que permita sua publicação em nossas páginas, envie um e-mail com o assunto “Colaboração - seu nome” para o endereço 3vezes22@gmail.com.

A Redacção